

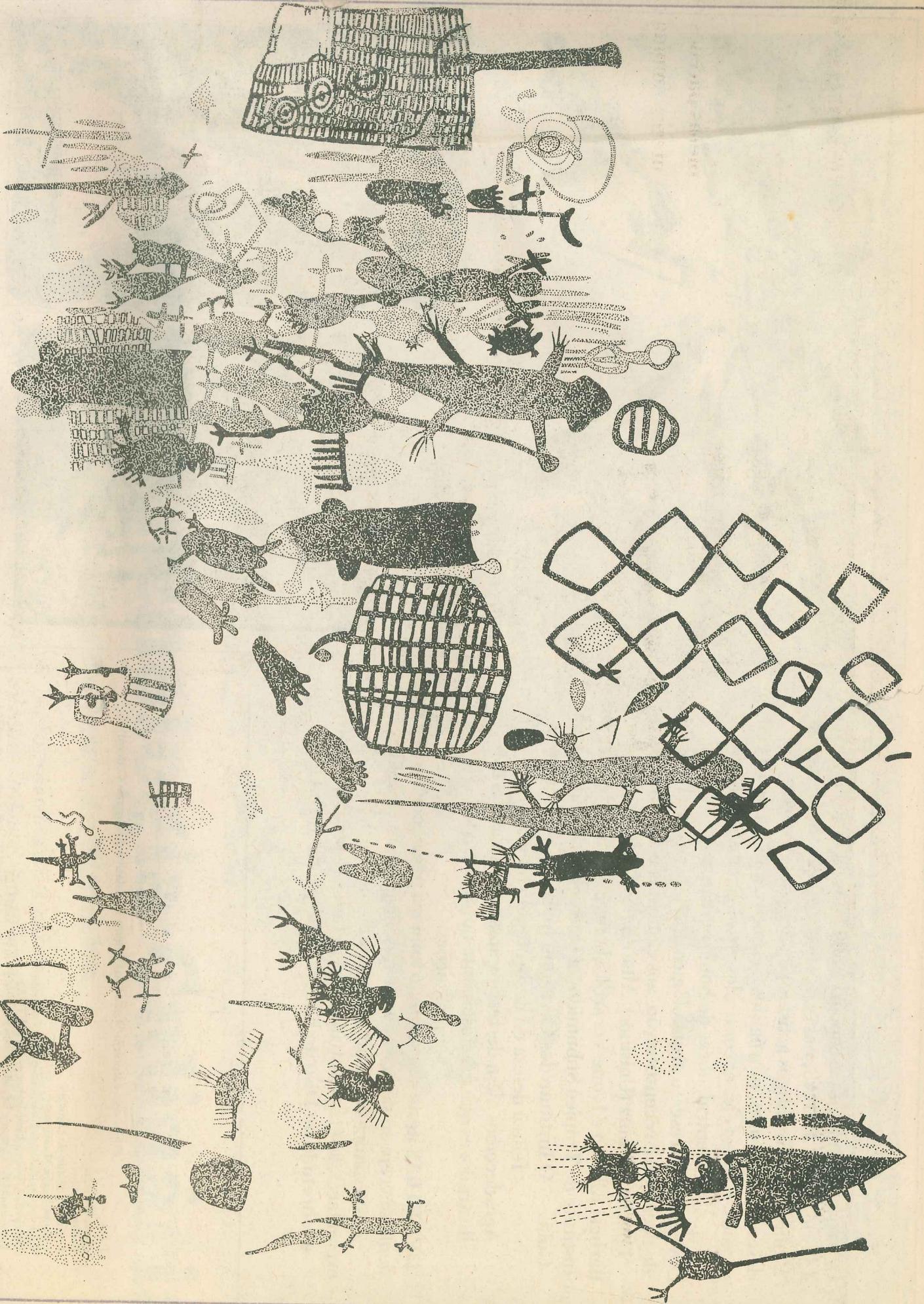
# SUPLEMENTO CULTURAL

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

L · E · T · R · A · S

DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA

Brasília, dezembro/1992 - Ano 1 - Nº 2

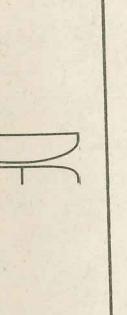


Antes que de todo nos escapem os 500 anos da descoberta da América, DF LETRAS, nas capas desta edição, homenageia alguns dos mais antigos artistas plásticos das Américas. São desenhos, gravuras, petróglifos e esboços, antigos de 10.000 anos. E todos eles encontrados em abrigos do Planalto Central, obras do homo cerratensis.

Devemos esse resgate arqueológico, e seu exaustivo trabalho de decalque e reconstituição, aos cientistas e artistas Pedro Ignácio Schmitz (Unisinos), Altair Sales Barbosa, Maira Barberi Ribeiro e Ivone Verardi, alguns deles hoje ligados ao Instituto do Trópico Subúmido da Universidade Católica de Goiás — O Instituto dos Cerrados, que quase sozinho tem feito a defesa do desprotegido bioma.

Agradecemos além destes aos nossos colaboradores e ilustradores que graciosamente nos tem enviado suas contribuições.

DF LETRAS neste seu segundo número passa, por força da demanda reprimida por anos de ausência de uma publicação desta natureza, de um mil e quinhentos para três mil exemplares, a serem distribuídos em todos Estados brasileiros e sobretudo no Distrito Federal e Região Centro-Oeste.



Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus e

Cláudio Maya Monteiro

Enderço para Correspondência e Assinaturas:

Diário da Câmara Legislativa — DF LETRAS

Presidência da Câmara Legislativa do Distrito Federal Saia F-25

Ramal 916 — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347-5128 e 347-4626

Ramal 226.

A assinatura de DF LETRAS é gratuita. Os pedidos devem ser enviados ao endereço do expediente, constando o nome do assinante, profissão e endereço completo, com CEP e telefone para contato.

#### DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA

(Reg. Profissional

3020352v/GOM/Mtb)

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

(Reg. Profissional 1943/10/59/DF)

Redação — 347-5128

Ramal 226

• As colaborações para DF LETRAS são solicitadas pela coordenação do Suplemento. As contribuições espontâneas podem ser apreciadas desde que não excedam 400 linhas. Não devolvemos os originais.

#### Composição da Câmara Legislativa do Distrito Federal

<b>EXPEDIENTE</b>	
Coordenador de Editoração	
Nelson Pantoja	(Reg. Profissional
Projeto Gráfico	3020352v/GOM/Mtb)
Mesa Diretora	Cláudio Antônio de Deus
Salviano Guimaraes	(Reg. Profissional 1943/10/59/DF)
Presidente	Redação — 347-5128
Vice-presidente: Tadeu Roriz	Ramal 226
Primeiro-Secretário	
Pedro Celso	
Segundo-Secretário	
Benício Tavares	
Terceiro-Secretário	
Deputados	
Agenor Queiroz	
Aroldo Satake	
Benício Tavares	

# Història e Tecnologia Culinària



**A Tradição Maranhense na Planalto**

A história da marmelada perde-se no tempo. Na Grécia clássica, o marmelo — maçã doce — associava-se aos atributos de Afrodite, a Deusa do Amor. Neste artigo ecológico e didático, Jesus Mello levanta parte dessa intrigante e bicentenária história da marmelada de Luziânia. Em 1872 (há o registro documental), a marmelada de Santa Luzia, município berço de Brasília, recebeu o primeiro prêmio, categoria doces, na Exposição Universal de Philadelphia (EUA). D. Pedro II, provecto Imperador do Brasil, exigia-a à mesa. Nos anos 1950 e 1960, detratores de Brasília aproveitavam-se da real tradição marmeira de “marmelada”.

Cavalcante Marmelada, injustiça

ESIUS BENEDITO MELC

mos a colher os primeiros frutos de trabalho nas fazendas do seu

te trabalho nas fazendas do se

*podas que sem uma pinguinha*

**S**egundo pesquisas feitas pelo saudoso Benedicto de Araújo Mello, o primeiro pé de marmelo foi plantado no velho julgado de Santa Luzia, hoje Luziânia, por João

**S**egundo pesquisas feitas pelo saudoso Benedicto de Araújo Mello, o primeiro pé de marmelo foi plantado no velho julgado de Santa Luzia, hoje Luziânia, por João Pereira Guimarães, na sua fazenda Engenho da Palma no ano de 1770, tendo uma perfeita adaptação nas terras da região.

Desse pé original saíram as primeiras mudas que proliferaram nas bi-centenárias fazendas Ponte Alta, Barreiros, Jataí, Vargem, Mesquita, Santa Bárbara, Riacho Frio, Saia Velha e outras, onde existiram grandes marmelerais, na maioria hoje extintos. Entretanto, ainda exis-

mos a colher os primeiros fru-

de trabalho nas fazendas do seu podes-

*podas que sem uma pinguinha*

mos a colher os primeiros frutos.

te trabalho nas fazendas do seu tempo:  
**MARMELEIROS DE 1930**  
“Fazem sempre deles fatos  
curiosos e interessantes.”

podas que sem uma pinguinha de alambique para regar os marmeleiros, sem falar da vida alheia, a frutificação não era abundante. Tínhamos sempre bom tratamento alimentar, me-

**S**egundo pesquisas feitas pelo saudoso Benedicto Araújo Mello, o primeiro pé de marmelo foi plantado no velho julgado de Santa Luzia, hoje Luziânia, por João Pereira Guimarães, na sua fazenda Engenho da Palma no ano de 1770, tendo uma perfeita adaptação nas terras da região.

Desse pé original saíram as primeiras mudas que proliferaram nas bi-centenárias fazendas Ponte Alta, Barreiros, Jataí, Vargem, Mesquita, Santa Barbara, Riacho Frio, Saia Velha e outras, onde existiram grandes marmelerais, na maioria hoje extintos. Entretanto, ainda exis-

tem atualmente plantações de marmeleiros em várias fazendas do Município, com produção ativa de marmelada, em escala comercial de segundo porte, artesanal. Plantase assim: Por ocasião da poda do marmeleiro, prepara-se uma verga madura, com aproximadamente 60 cm de comprimento e esta é fincada à beira de um local onde haja água permanente (regos, açudes etc.), ficando ali por um período de 1 ano e meio, mais ou menos, quando será transplantada para um local definitivo, fazendo-se uma cova de 50 x 50 cm de profundidade, tendo-se o cuidado de fazer a adubação, principalmente com esterco do curral. Após 3 a 4 anos, já começare-

mos a colher os primeiros frutos.

Para que tenhamos marmelos em abundância, é necessário que se faça a poda dos marmeleiros em períodos certos do ano, que correspondem aos meses de junho, julho e agosto, de preferência nas horas cheia e minguante, sendo necessária a aplicação de uma técnica própria para este tipo de árvore frutífera, transmitida de geração em geração pelos podadores encarregados desta tarefa.

E para ilustrar melhor este tópico, transcrevo aqui um ballo jornalístico do saudoso podador Benedicto de Araújo Mello, que ilustra muito bem es-

te trabalho nas fazendas do seu tempo:

**MARMELEIROS DE 1930**

"Em algumas dessas fazendas, reuníamos de 10 até 30 podadores munidos de tesouras de ardineiro e punhamos a cortar galhos de marmeiro no lugar recomendado pela técnica dos podadores. Trabalhávamos de sol a sol, com pequenos intervalos para as refeições. O dia passava depressa sem sentirmos. Boas palestras, gracejos, piadas dentro de um humorismo sadico. Críticas de uns aos outros, revendo às vezes até segredos amorosos. Diziam os experts em

podas de alheiaia marrom abundante bonito das faias. Ao mesmo tempo, forçação com cunhado manteve de maneira des, a quem não e do ao das sementes, tados árvoreiros, pois de palharia, hora,

podas que sem uma pinguinha de alambique para regar os marmeleiros, sem falar da vida alheia, a frutificação não era abundante. Tínhamos sempre bom tratamento alimentar, mesmas fartas das melhores iguarias. Ao meio dia uma merenda reforçada e apetitosa, contando com o pão branco quente com manteiga, pão de queijo, broa de mandioca e outras variedades, acompanhadas do cafêzinho e leite adoçado. Tudo tomado ao ar livre debaixo de frondosas jabuticabeiras, uns assentados pelo chão ou em galhos de árvores e outros de cócoras. Depois de fumado o cigarrinho de palha, fumo de rolo cortado na hora, voltávamos a a brandir as

mos a colher os primeiros frutos.

Para que tenhamos marmelos em abundância, é necessário que se faça a poda dos marmeleiros em períodos certos do ano, que correspondem aos meses de junho, julho e agosto, de preferência nas horas cheia e minguante, sendo necessária a aplicação de uma técnica própria para este tipo de árvore frutífera, transmitida de geração em geração pelos podadores encarregados desta tarefa.

E para ilustrar melhor este tópico, transcrevo aqui um ballo jornalístico do saudoso podador Benedicto de Araújo Mello, que ilustra muito bem es-

te trabalho nas fazendas do seu tempo:

**MARMELEIROS DE 1930**

"Em algumas dessas fazendas, reuníamos de 10 até 30 podadores munidos de tesouras de ardineiro e punhamos a cortar galhos de marmeiro no lugar recomendado pela técnica dos podadores. Trabalhávamos de sol a sol, com pequenos intervalos para as refeições. O dia passava depressa sem sentirmos. Boas palestras, gracejos, piadas dentro de um humorismo sadico. Críticas de uns aos outros, revendo às vezes até segredos amorosos. Diziam os experts em

podas de alheiaia marrom abundante bonito das faias. Ao mesmo tempo, forçação com cunhado manteve de maneira des, a quem não e do ao das sementes, tados árvoreiros, pois de palharia, hora,

podas que sem uma pinguinha de alambique para regar os marmeleiros, sem falar da vida alheia, a frutificação não era abundante. Tínhamos sempre bom tratamento alimentar, mesmas fartas das melhores iguarias. Ao meio dia uma merenda reforçada e apetitosa, contando com o pão branco quente com manteiga, pão de queijo, broa de mandioca e outras variedades, acompanhadas do cafêzinho e leite adoçado. Tudo tomado ao ar livre debaixo de frondosas jabuticabeiras, uns assentados pelo chão ou em galhos de árvores e outros de cócoras. Depois de fumado o cigarrinho de palha, fumo de rolo cortado na hora, voltávamos a a brandir as

tesouras num tic tac animador até o sol se por. O jantar que não diferia das variedades do almoço era sempre servido com luz de lamparina, regado de aperitivos. Terminado o jantar, para encantar a noite, formávamo-nos uma roda de douradão, derivativo do jogo de Truc, com quatro ou cinco parceiros, em cujo divertimento permanecíamos até a meia noite ou mais, para depois procurar as sofás camas num descanso de algumas horas. Ao nascer do sol, depois do cafêzinho da manhã, voltávamos à tafna do dia anterior. Nos grandes marmeleiros eram sempre três dias até terminá-los.

Terminadas as podas dos marmeleiros convidados, íamos dar as nossas trações nos marmeleiros mais distantes. Uma delas na fazenda Saia Velha, de propriedade da saudosa Dona Rachel Pi-mentel, onde chegávamos ao clarear do dia, cantados os versos rimados da "Traição" era-mos fidalgamente recebidos pela dona da casa. Depois dos agrados costumeiros, começávamos a manejá-los quando terminávamos de podar o último marmeleiro. Depois do jantar o jogo de baralho até o sono chegar. No dia seguinte, sempre um domingo, íamos dar uma surpresa nos marmeleiros de Eugênio Pereira Braga, fazenda Mesquita, que relutava em aceitar nossa ajuda, argumentando que "trabalhar dia de domingo ofende a Deus", mas acabava capitulando, sentindo-se satisfeito vendo os marmeleiros podados. Havia

podadores jocosos como José Gomes dos Santos, trazendo o Reginaldo Coutinho de canto chorado com as suas brincadeiras, mas sem ofendê-lo.

Outro mutirão muito agradável para a turma era o prestado ao Dr. Sebastião Machado na sua fazenda Riacho Frio. O Dr. Sebastião, quando Prefeito Municipal de Luziânia, na década de 30, baixou decreto criando estímulos para a cultura do marmelo. Quem plantasse mais quantidade de pés de marmelo teria um subsídio da Prefeitura. Ele deu o exemplo, cultivando na sua fazenda Riacho Frio mil marmeleiros, que se tornaram de primeira grandeza, sem se beneficiar da lei por ele decretada. A poda no Riacho Frio era interessante desde a viagem, atravessando o rio São Bartolo meu: os mais corajosos a vau, com a montaria quase a nado, molhando as pernas e nós, os medrosos, numa balça de madeira leve, improvisada pelo Compadre José Gomes. Mesmo assim, entrávamos temerosos dos companheiros. O Dr. Sebastião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros que não diferiam das variedades do almoço era sempre servido com luz de lamparina, regado de aperitivos. Terminado o jantar, para encantar a noite, formávamo-nos uma roda de douradão, derivativo do jogo de Truc, com quatro ou cinco parceiros, em cujo divertimento permanecíamos até a meia noite ou mais, para depois procurar as sofás camas num descanso de algumas horas. Ao nascer do sol, depois do cafêzinho da manhã, voltávamos à tafna do dia anterior. Nos grandes marmeleiros eram sempre três dias até terminá-los.

Terminadas as podas dos marmeleiros convidados, íamos dar as nossas trações nos marmeleiros mais distantes. Uma delas na fazenda Saia Velha, de propriedade da saudosa Dona Rachel Pi-mentel, onde chegávamos ao clarear do dia, cantados os versos rimados da "Traição" era-mos fidalgamente recebidos pela dona da casa. Depois dos agrados costumeiros, começávamos a manejá-los quando terminávamos de podar o último marmeleiro. Depois do jantar o jogo de baralho até o sono chegar. No dia seguinte, sempre um domingo, íamos dar uma surpresa nos marmeleiros de Eugênio Pereira Braga, fazenda Mesquita, que relutava em aceitar nossa ajuda, argumentando que "trabalhar dia de domingo ofende a Deus", mas acabava capitulando, sentindo-se satisfeito vendo os marmeleiros podados. Havia

marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem várias fazendas que superaram a cura da doença, com tratamentos específicos, onde mantém sua fábrica artesanal e onde podemos saborear esta deliciosa marmelada muito bem apupados pelas graças dos companheiros. O Dr. Sebas-

tião, solteirão impenitente nos entregava a direção da cozinha, inclusive assar gostosas leitas. Os quitutes, a "la homen", saiam a tempo e na hora. Eram três dias puxados para dar conta de todo serviço".

O sistema de mutirão ainda hoje existe em pequena escala, mas a maioria das podas atualmente são feitas pelo trabalho assalariado.

Santa Luzia já teve os seus dias áureos nas plantações de marmeleiros. Quase todas as fazendas tinham seus marmeleiros florescentes e sua pequena fábrica artesanal, quando o mesmo foi atacado por uma doença produzida por um fungo denominado "entomosporiase", destruindo e aniquilando quase toda a plantação do Município, isso a partir de 1940.

Vale lembrar que, para combater esta doença, Benedicto de Araújo Mello, quando Deputado Estadual, conseguiu do Governador Jerônimo Coimbra Bueno, em convênio com o Ministério da Agricultura, um Posto de Defesa Agrícola (PDA) com o fim específico de cuidar dos marmeleiros, tendo como chefe, Zacarias de Araújo Mello e auxiliares, Alípio Pereira Braga e Malaquias Teixeira de Magalhães, o qual funcionou de 1949 até o advento de Brasília.

Hoje existem

tamente para o povoamento do território.

Os choques não demoraram a ocorrer. Em São Vicente predominavam os portugueses e em Cananéia os castelhanos. Estes avançaram até Iguape, de onde os portugueses procuraram desalojá-los.

Depois da Conquista do Peru, os portugueses, por outro lado, agora ocupados com a produção de açúcar no litoral, vao também perdendo o entusiasmo com explorações em direção do Rio da Prata.

Os espanhóis porém continuaram à procura de Serra da Prata. "Os seus esforços tomam duas direções: a primeira é a do Rio da Prata, cujos afluentes e fundados em 1536 e em seguida, Assunção. Os estabelecimentos se multiplicam. Paralelamente a esta direção temos a outra via terrestre que seguia da costa, (em território hoje brasileiro) levando ao Paraguai, caminho esse inaugurado por Cabeza de Vaca depois de oficializar uma povoaçao castelhana em Cananéia. Traçou ele para os domínios de Espanha "Uma linha divisória que terra, se vingasse, excluído do Brasil o território dos seus três estados meridionais".

Vê-se, portanto, que "os espanhóis, num amplo envolvimento apoiado no litoral e nos rios anteriores da Bacia Platina pareciam querer abarcar todo território centro-sul do Continente" (5).

Martinez de Irala, sucessor de Cabeza de Vaca alcançou a meta almejada pelos conquistadores, a famosa Serra da Prata (1549). Era Chuquisaca e identificava-se com o Peru, já conhecido dos espanhóis há 20 anos. Esse fato alterou o caráter da ocupação do Prata e seus afluentes. Daí em diante o Prata foi esquecido pelos conquistadores, por quanto a riqueza estava na Nova Espanha e no Peru. Os territórios do Rio da Prata conservaram somente os povoados que já lá estavam e muito poucos vieram depois. Assim, a colonização avançou muito lentamente.

#### Caminhos e Mercadorias

Os mapas das colônias espanholas e portuguesas da América do Sul mostram duas grandes regiões, cujos centros de poder aparecem bem demarcados. Uma, de modo geral, abrange toda a Cordilheira dos Andes, desde a Venezuela ao Chile, abrindo-se a sudeste em direção do Rio da Prata e do Paraguai; e a outra pela costa Atlântica, Grande as Guianas até o Rio Grande do Sul. Entre ambas ficava uma enorme extensão de terras sem povoamento e sem ocupação pelos europeus. Daí dizem alguns autores "vazio demográfico" ou "terra de ninguém". Esse enorme espaço "vazio" contribuía mais para separar os domínios coloniais ibéricos do que para integrá-los.

#### Dois Séculos de Conflitos

XVI os espanhóis já estavam estabelecidos no Guairá, entre os rios Paraná, Paranaapanema e Iguacu. A descoberta de metais preciosos, a necessidade de estabelecer uma ligação direta do Paraguai com o Atlântico e a de fazer frente aos portugueses, determinaram várias expedições hispânicas.

Foi assim que, por ordem de Irala, estabeleceu-se a povoação de Ontiveros "en el camino del Brasil", seguida de Ciudad Real. Esse avanço em direção ao Atlântico continuou com a fundação de Vila Rica del Espírito Santo.

Este sistema constituía o centro de articulação de diferentes modos de produção que, em escala mundial regulamentaram a circulação de mercadorias e a apropriação de excedentes. Houve regiões com menor intensidade de intercâmbio, mas nestes casos particulares, a função conectiva entre as economias hispanoandina e luso-brasileira é evidente, contrariando a tese da existência da existência de uma "terra de ninguém" entre o espaço político espanhol e o lusitano (7).

A rede de caminhos terrestre e vias fluviais habitadas ao trânsito, as linhas de fortificações e as próprias missões religiosas, correspondem a um modelo de povoaamento com funções determinadas: produzir e veicular mercadorias locais ou importadas do mundo colonial ou das metrópoles, de modo a fortalecer os elos da cadeia do tráfico mercantil. Estes núcleos de povoamento não eram numerosos e possuam pequena densidade populacional, mas derram acesso a zonas produtivas. Fator que permitiu não só a sua autoformação de excessentes converíveis em mercadorias. Neste sentido, a reformulação do povoaamento, a adoção de novas táticas de redistribuição populacional e a incorporação de padroes organizativos domésticos comunitários da produção destinada ao mercado colonial induziram a transformações que se tornaram possíveis com a integração dessas áreas periféricas ao sistema mercantilista global (8).

no atual Rio Grande do Sul" (9).

Constituída em 1608 a Província Jesuítica do Paraguai (que abrangia Tucumán e o Rio da Prata), começaram a surgir, dois anos mais tarde, as famosas Iguacu. A sombra de metais preciosos, a necessidade de estabelecer uma ligação direta do Paraguai com o Atlântico e a de fazer frente aos portugueses, determinaram várias expedições hispânicas.

Foi assim que, por ordem de Irala, estabeleceu-se a povoação de Ontiveros "en el camino del Brasil", seguida de Ciudad Real. Esse avanço em direção ao Atlântico continuou com a fundação de Vila Rica del Espírito Santo.

Qual a explicação para a expansão do bandeirismo?

A primeira é de ordem econômica. Pois vivendo os paulistas de uma atividade de subsistência utilizaram-se da mão-de-obra indígena pelo fato de não terem poder aquisitivo para a compra do negro africano. Por outro lado, o desenvolvimento da atividade açucareira no nordeste e a guerra holandesa também estimularam o tráfico indígena. "A esse impulso do bandeirismo se juntou ainda outro: o desejo de encontrar pedras e metais preciosos, sob o incitamento constante dos governadores do Brasil e da própria Corte de Lisboa" (12).

Jáime Cortezão acredita que ao lado dos objetivos econômicos as bandeiras obedecem também a objetivos geopolíticos, pois desde muito cedo os portugueses tiveram consciência da unidade geográfica, econômica e humana do Brasil: "Os elementos para a formação desse conceito receberam-nos dos índios que dispunham de uma cultura geográfica rudimentar, baseada num invulgar sentido topográfico, notável memória visual e a capacidade de percorrer rapidamente grandes distâncias e de as representar. A ideia da ligação entre as bacias amazônica e platina deve pertencer originariamente aos nativos da América do Sul" (13).

Os portugueses apenas acrescentaram o conhecimento do litoral e da posição dos dois estuários à "representação restante, dando forma precisa e ideal significado político ao mito geográfico e social dos indígenas".

Tudo que hoje constitui a Argentina Ocidental e Setentrional, as províncias de Jujuy, Tucumán, Salta, Catamarca, La Rioja, Córdoba, San Luis, San Juan e Mendoza, foi ocupado por colonos vindos do Peru e do Chile, que transpuseram os Andes e vieram se estabelecer em territórios geograficamente tributários do Rio da Prata. No Paraguai verificou-se mesmo um recuo. E, com consequência, o caminho terrestre do Paraguai ao litoral do Atlântico perdeu toda a sua importância (14).

Nestas condições a colonização portuguesa, partindo de São

Brasília, dezembro de 1992 Página 5



caram a abandonar desordenadamente suas terras e a atravessar o Uruguai. "Os jesuítas espalharam resolvendo então transferir as aldeias para a mesopotâmia parano-uruguai a que ficava quase inteiramente realizada até fins de 1639" (11).

Mas nem assim ficaram sosssegados, pois em 1641 foram de novo atacados. Dessa vez, porém os padres tinham armado os índios com armas de fogo e os haviam organizado para se defenderem contra o ataque dos bandeirantes. Depois disso, os bandeirantes deixaram tranquilos por algum tempo as terras do sul e passaram a dirigir suas expedições para o Paraguai. Mas na segunda metade do século XVII voltaram a atacar objetivos meridionais, aproximando-se de Corrientes e Santa Fé.

Qual a explicação para a expansão do bandeirismo?

A primeira é de ordem econômica. Pois vivendo os paulistas de uma atividade de subsistência utilizaram-se da mão-de-obra indígena pelo fato de não terem poder aquisitivo para a compra do negro africano. Por outro lado, o desenvolvimento da atividade açucareira no nordeste e a guerra holandesa também estimularam o tráfico indígena. "A esse impulso do bandeirismo se juntou ainda outro: o desejo de encontrar pedras e metais preciosos, sob o incitamento constante dos governadores do Brasil e da própria Corte de Lisboa" (12).

Jáime Cortezão acredita que ao lado dos objetivos econômicos as bandeiras obedecem também a objetivos geopolíticos, pois desde muito cedo os portugueses tiveram consciência da unidade geográfica, econômica e humana do Brasil: "Os elementos para a formação desse conceito receberam-nos dos índios que dispunham de uma cultura geográfica rudimentar, baseada num invulgar sentido topográfico, notável memória visual e a capacidade de percorrer rapidamente grandes distâncias e de as representar. A ideia da ligação entre as bacias amazônica e platina deve pertencer originariamente aos nativos da América do Sul" (13).

Os portugueses apenas acrescentaram o conhecimento do litoral e da posição dos dois estuários à "representação restante, dando forma precisa e ideal significado político ao mito geográfico e social dos indígenas".

Tudo que hoje constitui a Argentina Ocidental e Setentrional, as províncias de Jujuy, Tucumán, Salta, Catamarca, La Rioja, Córdoba, San Luis, San Juan e Mendoza, foi ocupado por colonos vindos do Peru e do Chile, que transpuseram os Andes e vieram se estabelecer em territórios geograficamente tributários do Rio da Prata. No Paraguai verificou-se mesmo um recuo. E, com consequência, o caminho terrestre do Paraguai ao litoral do Atlântico perdeu toda a sua importância (14).

Nestas condições a colonização portuguesa, partindo de São

contou campo quase que inteiramente livre.

Enquanto porém a ocupação litorânea ocorria pacificamente, no interior ocorreram muitos choques. Depois da retirada dos espanhóis do Atlântico Sul, a ocupação portuguesa avançou, ocupando Laguna já no final do século 17. Daí para frente, até o Rio da Prata, não havia mais europeus. A inatividade dos espanhóis na defesa do seu patrimônio fez com que os portugueses, de um salto, levasssem seus domínios até o Rio da Prata, fundando em 1680 a Colônia do Sacramento. A ação portuguesa precedeu a espanhola mas não teria sido resultado de uma maior visão política, como fez crer Jaime Cortesão, citado por Luis F. de Almeida. "É a consequência natural da expansão colonizadora de Portugal que impunha a defesa de territórios já ocupados e de outros próximos a ocupar" (15).

A colonização dos espanhóis se concentra então no Prata e baixo Paraná, com uma fraca influência do Rio Paraguai. Já a Colônia do Sacramento se localizou além dos limites que, por força da ocupação, cabiam ao domínio português, cunha de penetração nos domínios castelhanos. E, como era natural, os conflitos se iniciaram logo após a sua edificação e se prolongaram por quase dois séculos, terminando com a vitória castelhana.

#### O Grande Acordo e a Ocupação Amazonica

O esforço de ocupação do Brasil meridional é concentrado no decorrer da primeira metade do século 18, criando-se as bases para a fixação dos limites a que o Tratado de Madrid, de 1750, daria sanção legal. Nisto também os portugueses anteciparam-se aos espanhóis, já ocupados e uma redescoberta das obras e uma redesco-

que somente na segunda metade do século despertam para a ocupação definitiva da Região. Nesta fase os conflitos se tornam mais intensos e se desenvolvem nas esferas política, diplomática e militar.

As dificuldades que os luso-brasileiros encontraram na ocupação do interior se devem ao fato de as vanguardas castelhanas estarem postadas ao longo dos rios Paraná e Uruguai. Mas a progressão destes não teria ultrapassado o rio Paraná sem o concurso das missões jesuíticas: "Com a expulsão dos jesuítas, o território das missões do Uruguai foi ocupado pelos castelhanos; somente a parte que fica à margem esqueda do rio se tornará definitivamente brasileira depois da guerra de 1801-3" (16).

Na expansão para o norte, os monarcas espanhóis atribuiram aos luso-brasileiros os direitos e obrigações da conquista e da ocupação. Durante essa penetração em direção a Oeste, definiram-se ainda mais as necessidades que condicionaram e explicaram a política adotada por Portugal e que lhe assegurou a posse territorial da Amazônia.

Cassiano Nunes

# A arte pobre de Graciliano Ramos

Universidade de Brasília

**Cassiano Nunes revisita aqui o centenário Graciliano Ramos, extraíndo dois ou três segredos do genial reducionista alagoano.**



cação de milhares de índios à civilização cristã ocidental.

"A aventura de Pedro Teixeira, que subiu o Amazonas e atingiu Quito, no Vice-Reinado no Peru, pelas águas do Napo-Aquarico, (de lá baixando em direção a Belém em 1637-39), dera começo a essa irradiação", que resultou no estabelecimento, em 1639, da missão Franciscana que marcaria um foco de irradiação no interior da fronteira das duas monarquias ibéricas. Por outro lado, essa expedição impulsionou a penetração de sertanistas em busca de riquezas. Assim, a conquista do espaço será feita pela ação das tropas de resgate e pelas missões que foram se estabelecendo pelo interior adentro.

A edificação do Forte de Gurupá, ligada à empresa bética contra holandeses e ingleses, serviu de apoio aos sertanistas e missionários que subiam e desciam o rio. Também serviu de proteção ao pequeno povoado de Gurupá, "onde se localizaram os religiosos da Companhia de Jesus e da Província da Piedade, os quais erigiram convento e hospital que acolheram sertanistas, missionários, gentio e funcionários civis e militares. Adiantando a penetração, sertanistas e missionários dirigiram-se ao Tapajós, ao Madeira, à baía do Rio negro e Branco, e ao Solimões (17)."

Cassiano Nunes

e missionários alcançaram o Maranon, subindo e descendo o Oeste, ao contrário, visava satisfazer a objetivos econômicos de Belém e São Luis e decorrer da atuação das missões religiosas, ocupadas na tarefa de "amansamento" e de integra-

Norte e Sul, foi importante obra de ocupação do espaço geopolítico do Império português na América do Sul.

"A política que Lisboa traçou pelas carta régias ou pelas advertências e indicações do Conselho Ultramarino, obedeceram às preocupações de manter-se na interlândia o domínio de Portugal, evitando-se providências drásticas que provocassem incidentes perturbadores da paz vigente entre portugueses e espanhóis", no vale do Amazonas (19).

No resultado mais próximo de tudo é que o enorme Vale, em sua maior extensão, a partir de meados do século 18 estava integrado ao Império Ultramarino português.

#### Notas

- 1 — Caio Prado Junior — "Formação dos Limites Meridionais do Brasil", in *Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*. São Paulo, Brasiliense, 1963.
- 2 — Idem op. cit. p. 152
- 3 — Idem op. cit. p. 152
- 4 — Idem op. cit. p. 156
- 5 — Idem op. cit. p. 157
- 6 — Daniel J. Santamaría — "Fronteras Indígenas del Oriente boliviano. La Dominación Colonial en Mojos Y Chiquito", in *Boletim americano*, Ano XVIII, nº 36. Barcelona, 1987. p. 197
- 7 — Idem op. cit. p. 152
- 8 — Idem op. cit. p. 198
- 9 — Luis F. de Almeida — *A Diplomacia Portuguesa e os Limites do Brasil Meridional*. Coimbra, 1957. p. 56.
- 10 — Idem op. cit. p. 58
- 11 — Idem op. cit. p. 59
- 12 — Idem op. cit. p. 62
- 13 — Idem op. cit. p. 62
- 14 — Caio Prado Junior — op. cit. p. 158
- 15 — Idem op. cit. p. 161
- 16 — Idem op. cit. p. 163
- 17 — Arthur Cesar Ferreira Reis, *Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1988. p. 12.
- 18 — Idem op. cit. p. 13
- 19 — C.M. de La Condamine — *Relation Abrégée d'une Voyage dans l'Intérieur de l'Amérique Méridionale*. Citado por Arthur C. Ferreira Reis.

todos os seus aspectos.

Rei recentemente — e an-

tando — boa parte da obra de Graciliano Ramos: os romances SÃO BERNARDO, ANGÚSTIA e VIDAS SECAS, e, além desses livros de ficção, os quatro volu-

mes das MEMÓRIAS DO CÁRERE. A primeira impres-

são, resultante dessa releitura das obras citadas, constituiu a singularidade de tudo o que es-

creveu. Evidenciou-se, para mim, a impossibilidade de dar-lhe uma classificação definida na história da nossa literatura, isto é, de filial-o a um grupo qualquer de escritores. Crono-

lógica e geograficamente pertence ao chamado grupo do "romance do Nordeste": como o paraibano José Américo de Almeida e José Lins do Rego, como o sergipano Armando Fon-

tes (sergipano, não obstante o seu nascimento em Santos), co-

loz e como o alagoano Jorge de Lima, seu conterrâneo, que logo deixaria o terrunho regional para outras aventuras do espírito.

A obra compacta e concen-

trada de Graciliano, vista em profundidade, tem pouco a ver com a de seus companheiros nordestinos, não obstante se dedicarem aos mesmos temas e problemas. VIDAS SECAS tra-

ta tanto da seca como o QUIN-

ZE de Rachel de Queiróz. E subjaç em ANGUSTIA o mesmo acento trágico da decadência da grande propriedade nordestina, que é objetivamente descrita no CÍCLO DA CANA-DE-ACU-

CAR e em FOGO MORTO, de Zins do Rego. Creio que as coincidências param aí. A arte de Graciliano Ramos é outra arte. Sua visão também é outra.

E sua técnica literária diverge da de seus conterrâneos que foram, às vezes, até seus amigos de peito. Graciliano difere dos outros romancistas "do Norte" não só por ser mais fechado e introvertido mas também — está — por ter uma escala de valores mais exigente. Seu realismo é pouco desritivo. Nele, a paisagem aparece diluída como em Machado de Assis, escritor que deve ter marcado o seu espírito, embora esta influência se exten-

riou pouco. O realismo de Graciliano Ramos é de categoria psicológica, revelando-se, portanto, ainda na linha machadiana. Mas é muito mais minudente e menos artístico ou seletivo que Machado. Graciliano insiste na apresentação constante dos fatos da mente; persiste nessa tarefa até à exaustão. Parece então desinteressado do trabalho de escolha, de opção, própria dos artistas. Dá-me a

impressão de ser mais inclinado ao relato obstinado de laboratório, do psicólogo, do cientista.

Cientista devotado ou até mesmo fanático. Sua arte faz poucas concessões ao ideal de Beleza da Arte. Prefere a renú-

cia monástica, a ausência de ob- jeto de gosto nos templos puritanos. Optou pelo que decidiu chamar uma arte pobre, que se caracteriza pelo abandono dos recursos artísticos que possibili-

tam a realização das obras de arte, com rico esplendor. Per- gunto-me se a origem sertaneja, o ambiente rude e despojado do sertão, não concorreram para a gestação desse conceito de arte. Naturalmente, é o que deve ter acontecido. Os outros autores, que citei, de modo especial, Ra- chel de Queiróz, mostram tam- bém o predomínio do parco, do frugal. De fato, a "literatura do Norte" ou do nordeste, sóbria e às vezes até rude, teve de enfrentar tradições artísticas aristocráticas e cosmopolistas, que se achavam há muito entre nós consagradas. Tardamente, é verdade, o superino Oswald de Andrade ainda desancava pos- síveis brutezas nordestinas, amaldiçoava os "búfalos do nordeste". A autenticidade im- punha-se à alienação. O sertão, pelo menos temporariamente, afrontava a superficialidade da civilização brasileira, costeira, semicolonial, repetindo, de cer- to modo, a incrível facanha de Euclides da Cunha, que, para impor a sua verdade, teve de usar uma linguagem quase pre-

ciosa.

Tendo sugerido a singulari-

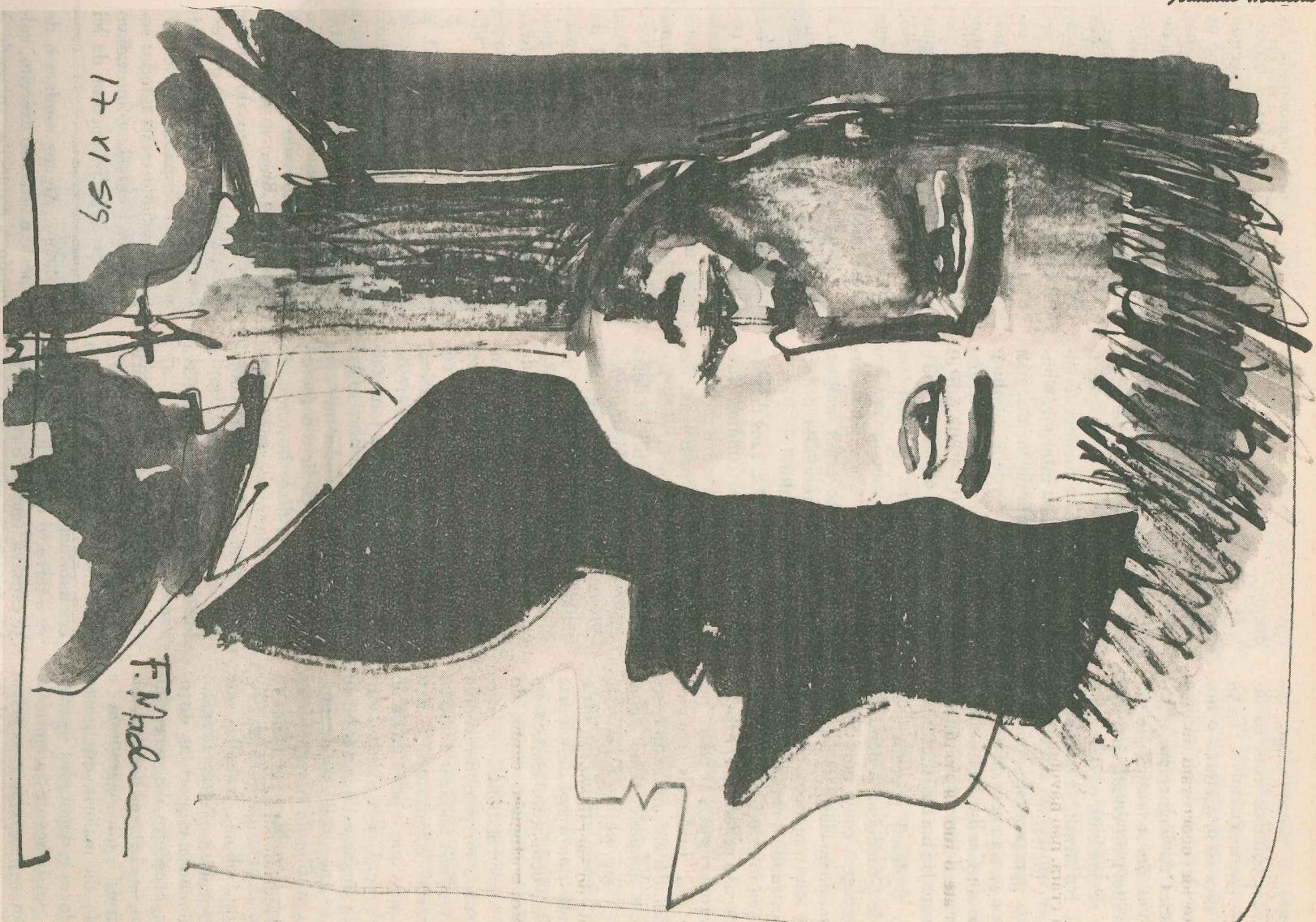
dade de Graciliano, cabe-me apontar os aspectos em que se revela essa unicidade.

Pondo de lado o seu primeiro romance CAETÉS que ele, com a sua natural rusticidade, mas, com alguma injustiça, chamou "uma droga", (e que de fato é o único dos seus livros que faz pensar em experiência de aprendizagem), Graciliano nos oferece uma obra que dá, clara- mente, uma idéia de inteire- za, de globalidade, de totalida- de. Naturalmente, SÃO BER-

NARDO tem mais ação exterior que os livros que se lhe seguem, mas as qualidades intrínsecas do artista estão presentes nos con- junto dos livros que escreveu. A mesma línguagem, aspera, a

mesma beleza tosca, encontram-se em todos os seus trabalhos. Os mesmos processos estilísticos são visíveis na ficção e até nas memórias do literato de Palmeira dos Índios, relatos de uma imaginação impregnada pela realidade, sempre presente do chão da realidade. A procura de uma relação exata e imediata das atividades da mente com a

Fernando Madruga



17 VI 95

F. Madruga

linguagem impõe-se como uma das preocupações fundamentais do fisionomista. Este não quer se distinguir do homem, do cidadão sertanejo, que, por uma ex- travagância do destino, escreve romances e, mais que isto, é um grande escritor.

Evidencia-se, nos romances de Graciliano Ramos, a idéia de que os personagens é a pobreza de sua linguagem. Seus per- sonagens não só falam pouco, mas evitam mesmo falar, reconhecendo a sua incapacidade de expressão verbal. O sertanejo silencioso ou tartamudo que culmina no Fabiano de VIDAS SECAS, criação magistral, já se acha esboçado, embrionário, no Casimiro Lopes, de SÃO BER-

NARDO, que tem um vocabulário mesquinho, gagueja e para manifestar uma opinião de des- humbramento, aboava". Diz ainda o narrador: "No sertão

Rubem Braga alcançam uma prosa falada, que, em Rubem, entanto, toca a genialidade. Não é a hora de se fazer uma análise estilística mas não posso deixar de registrar, na prosa natural de Graciliano, as frases curtas, as frases nominais, os vocábulos e locuções regionais, os hiatos, os anacolutos, constantes enunciaciones — e heterogêneas — as interjeições, as palavras ras- cantes, os palavrões, enfim uma renúncia às sentenças bem construídas de acordo com a tradição, uma aversão ao luxo verbal, à grandiloquência... Es- silogagem esquemática e que às vezes parece até fragmentária, é enganadora, porque, embara parecendo descuidada, constitui toda ela uma tecelagem conscientiosa. Essa intensa busca da concisão, das senten- ças magras, tem, a meu ver, uma intenção: a defesa de uma ética da criação literária. Curi-

osamente, o nosso autor, esquerdista, coincide com os dirigentes Ezra Pound e T. S. Eliot, que, na Inglaterra e nos Estados Unidos, defenderam uma ética da linguagem, repudiando assim o empolado da época vitoriana como uma forma de aliciamento enganador e imoral. No Brasil, já os modernistas se mostraram adversos à oratória pomposa de Rui Barbosa e à prosa cheia de delírios verbais de Coelho Neto, muito mais uma deterioração do Art

Nouveau que parnasiiana.

Não é difícil perceber, na obra de Graciliano, a denúncia da linguagem como uma forma de domínio de classe. O sertanejo, nos seus romances, está sempre mostrando o reconhecimen-

nas bocejou de novo.  
dormir.”  
O rebaixamento  
mano em virtude da  
deficiente preocupação  
que assim se refere  
de Fabiano e sua mu-  
era propriamente  
eram frases soltas,  
com repetições e inco-  
as. Às vezes uma inten-  
tural dava energia;  
ambíguo. Na verdade  
deles prestavam ate-  
lavras do outro: iam  
imagens que lhe vinham  
to, e as imagens su-  
deformavam-se, não  
de dominá-las. Com  
sos de expressão era-  
dos, tentavam reme-  
ciência falando alto.”

. Seria bom  
vezes sapeco palavrões obscenos. Não os adoto escrevendo, linguagem o escritor à conversa com a mulher: "não falo quando não estou na presença dos chefes".  
Os lugares comuns, os clichês louvam-nheiros do bem-educado Julião, "nobre espírito", "aristocrata privilegiado", "grande espírito" etc., enchem de ódio Luís que reconhece que não é nem haja vestal mas também não chega à abjeção de achar alguma poeta enorme em Maceió. Vinga-se, alvejando-o de longe com retumbantes palavrões.  
Essa dificuldade em aceitar a linguagem mesurada da sociedade, essa ânsia incomum de

As jamento que caracterizam a sua vida, é lembrada, de maneira intensa, neste trecho: "Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem canta-dada, monossílabica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio".

Nas dolorosas e revoltantes **MEMORIAS DO CÁRCERE**, que mostram bem a inconsciência das ditaduras que têm infelicitado o Brasil, vê-se, lenta, analiticamente, com detalhes, com minúcias, num quotidiano

descreve a decadênciada propriedade rural nordestina: "Dez ou doze rezes, arrepadas no carrapato e na varejeira, envergavam o espinhaço e comiam mandacaru que Amaro cortava nos cestos. O cupim devorava os mourões do curral e assinhas da casa. No chiqueiro, alguns bichos bodejavam. Um carro de bois apodrecia debaixo das catingueiras sem folhas".

tude de não saber falar, expressar-se com clareza. O falar “bonito” dos bacharéis convinha Graciliano à sátira. Insisto neste ponto: o camponês teme o confronto e até mesmo o convívio com o homem urbano ou letrado. Sabe que a sua deficiência na fala impõe a sua submissão. Submissão absoluta diante do poder governamental e que permanece no presente, como pude verificar ao fazer a leitura das cartas comoventes e mal rabiscadas que o povo envia ao

Em ANGUSTIA, Luis Pereira da Silva, homem comum, integrado na vida obscura da baixa classe média de província, demonstra repugnância pela linguagem às vezes artificial dessa classe inautêntica: Inconformado com a etiqueta do noivado, explode: "Que necessidade tinha Luís Pereira da Silva daquela verbiagem? Depois, os cartões de comunicação, grandes, com letras douradas, aos colegas de repartição, aos conhecidos, às amigas de Marina, ao padrinho oficial do exército. "Rejeita também Luís uma carta convencional ao futuro sogro: "Necessário entender-me com seu Ramalho, pedir o consentimento dele, dizer besteiras. Ia escrever-lhe uma carta com lângos sagrados, felicidade conjugal, himeneu. Infâmia. Só a ideia de escrever isto me dava náuseas."

A Luís, pequeno funcionário

natural, tem algo a ver, e Graciliano, com a sua visão retratadora do homem, assinalada pela sua tendência para detectar nas atitudes do homem uma certa parecença com o comportamento animal. Acentua essa inclinação o caráter visual da arte de Graciliano, existente não obstante o seu subjetivismo. Se bem me lembro, há artistas plásticos que se dedicam a sugerir a semelhança entre o homem e os animais.

Já em SÃO BERNARDO, ficcionista relaciona os seres humanos com animais: "Bichos". As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos como Padilha, bichos do mato como Casimiro Lopes, e muitos bichos para os serviços do campo: bois mansos. Os currais que eu corram uns aos outros lá embaixo tinham lâmpadas elétricas. os bezerinhos mais taludos se levavam a cortilho e encorridos

em que o tempo parece ter parado — os relógios e calendários os perderam a sua significação —, o processo de rebaixamento do homem à condição de selva-geria ou animalidade. Asseverava o ex-prisioneiro Graciliano: “A educação desaparecerá completamente, sumiriam-se os últimos resquícios de compostura, e ossos infelizes procederiam como selvagens. Na verdade, éramos selvagens”.

Graciliano Ramos parece prolongar a sua opção por uma “arte pobre” na adopção suplementar de uma “estética do feio”, que já conta com longa história. O romantismo fez do aproveitamento artístico do feio uma bandeira. O realismo e o naturalismo aprofundaram esse veio e chegaram, sobretudo o último, a aceitar o sórdido. Re-cordo, nesse gênero, uma leitura de adolescência: NANA, de Zola. A poesia do modernismo

pés sujos a amontoar-se, a espalhar-se no chão, ausência de água, o ambiente mais sórdido que se possa imaginar. Difícil tratar desse ignóbil assunto, nunca em livros se descerraram certas portas. Arrisquei-me a abrir aquela porta por me haver surgido o acidente quando menos se esperava, um jacto de sangue. Num minuto estancou; mas o líquido viscoso, os coágulos, provocaram-me a necessidade urgente de banhar-me. Infelizmente era até impossível desejar isso. O meu pijama aderia ao corpo, fazia-me cócegas repugnantes; andavam-me pruridos na pele, davam-me a sensação de ser agredido por multíplices de pulgas".

A descrição do abjeto prossegue mais adiante: "Exposição humilhante era a sórdida latrina, completamente visível. Sobre o vaso imundo havia uma torneira; recorreríamos a ela

eleitorais que garantem o triunfo da maioria dos nossos senadores e deputados — aceitam passivamente a miséria, temem o progresso e repelem com horror a esquerda diabólica... A impotência do pensamento, a incapacidade de raciocinar, aproximam, nessas terras, os homens dos animais, pois não criam o novo, repetem infinita-

publico e jornalista obscuro, modesto e inimigo do que não era habitual à sua existência terra-a-terra, o que principalmente causava náuseas e raiva era a “linguagem arrevesada” com “muitos adjetivos, pensamento nenhum”, do falso moralista e patriota carreirista Julião Tavares. Essa linguagem arrebicada e com o fervor suspeito da ora-

retiravam a cafunha e aventureira de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, voltando à esquerda, voltando direita, fazendo sentinelas. Outros buscaram pastos diferentes”.

Em ANGÚSTIA, o protagonista-narrador compara tre

brasileiro, sobretudo por meio de Manuel Bandeira, revelou as possibilidades poéticas de aspectos esteticamente condenados. "O que eu vejo é o beco", declara o poeta num memorável poema.

para lavar as mãos e o rosto, escovar os dentes. As dejeções seriam feitas em público. A ausência de porta, de simples cortina, só se explicava por um intuito claro da ordem: vilipêndiar os hóspedes".

Em certos passos de sua obra, Graciliano faz ainda pensar nesta obra artística feita do lixo e da sucata, que hoje procura os

mente o ditames da natureza. Graciliano nos expõe com naturalidade, nos seus romances, essa interação do homem e dos animais, com um interesse dedicado de etologista. Etologista que se salientou especialmente contando a história dolorosa da cachorra Baleia. Desta maneira, em VIDAS SECAS, quando o menino mais velho não foi

tória burguesa feria-o como es-  
candalosamente imoral. Julião,  
“literato e bacharel”, “reacio-  
nário e católico”, que nos seus  
discursos ferventes, proferidos  
no Instituto Histórico, louvava  
as praias e outras prendas ala-  
goanas, penetra importuno e  
inexplicável como certas cala-  
midades, na casa e na vida dis-  
creta do acanhado Luís, amo-

mulheres, trabalhando no campo, a formigas: "Da janela do seu Antônio Justino, via-se um jardim bem tratado, onde trêmulas velhas que pareciam formigas cavavam, podavam regavam". Um pouco adiante no livro, os Tavares "negociantes de secos e molhados, donos de prédios, membros da Associação Comercial" são comparados

Trevisan, João Antônio e Herman Reipert. Dalton Trevisan mostra-se virtuoso na descrição do brega curitibano. Não temo em afirmar que é um artista que possui uma força universal. Seu parentesco espiritual com Nelson Rodrigues não passou despercebido a Ademar Guerra que pôs no palco triunfalmente OS MISTÉRIOS DE CURITIBA.

museus. Tudo o que mostra é decrépito, gasto, decadente, empoeirado. Aparentemente defronta-se uma confusão de trastes, quinquilharias, burundangas, entulho. O próprio autor, com malícia de artista, propicia-nos esta ilusão. Sugere que está perturbado, obscuro. E através do personagem central de ANGÚSTIA chega a se mani-

capaz de conseguir da mãe uma explicação desejada, ele “expliou” isto à cachorrinha com abundância de gritos e gestos”. Por sua vez, Baleia “que” devia testava expansões violentas: esbarrava as pernas, fechou os olhos e bocejou.” Diz mais além o narrador sobre as rações da cachorrinha: “Efetivamente a exaltação do amigo era desarra-

lando-o com sua amabilidade desgostante. Este sofre a adulacão palavrosa e impertinente do vistoso cidadão. Confessa, amuado, o pobre homem ao ouvir as tolices estentóreas do inimigo íntimo: "Diante dele eu me sentia estúpido. Sorria, esfregava as mãos com esta covardia que a vida áspera me deu e não encontrava uma pa-

dos a ratos. E “Julião, literato bacharel, filho de um deles tinha os dentes miúdos, afiados, devia ser um rato como o pai”. Marina, no mesmo romance, é vista por Luís “com músculos da cara repuxados, fechando os olhos, agitando a cabeça com uma lagartixa”.

BA. João Antônio, na sua novela imortal **MALAGUETA, PERUS** E BACANAÇO fixou, para sempre, o ambiente baço, fuliginoso, da sinuca paulistana. E Reipert, de quem fui o animador em inesquecíveis manhãs na praia de São Vicente, lembra Graciliano, conforme declara o seu crítico Everardo Tibirica. Em ANGÚSTIA, essa espécie

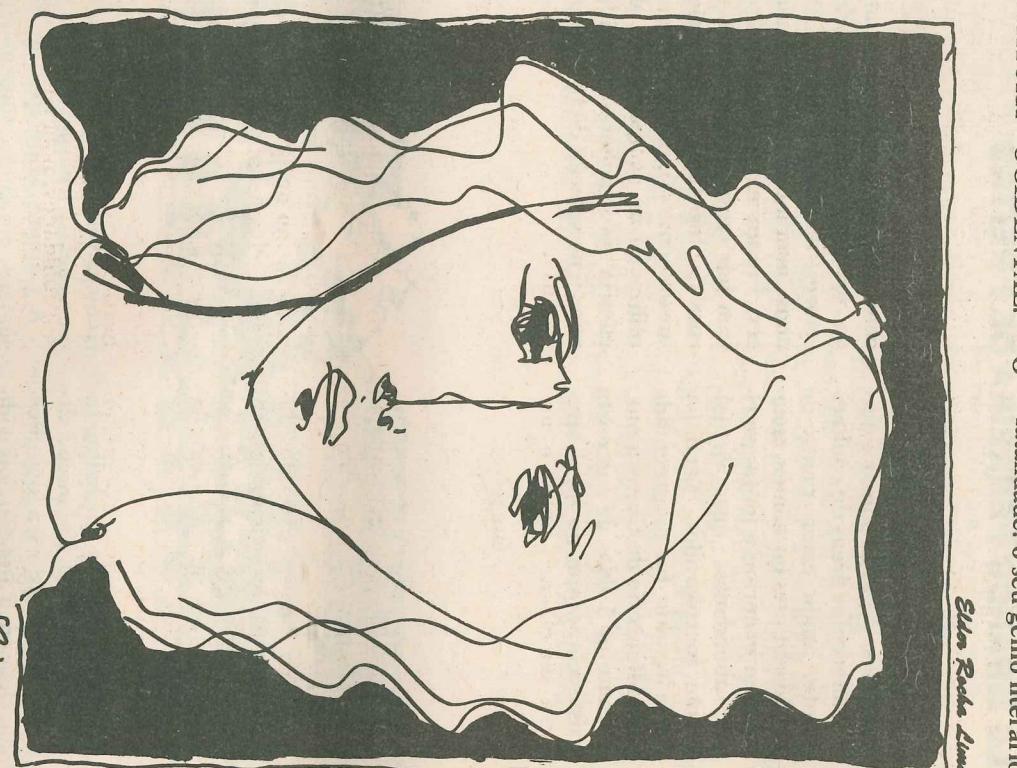
festar com a mente oscilante: "Lembro-me de um fato, de outro fato anterior ou posterior ao primeiro, mas os dois vêm juntos. E os tipos que evoco não têm relevo. Tudo empastado e confuso". É claro que ai se trata de ficção e não de confissão, mas Graciliano, que comparando-se a José Lins do Rego, se considerava com pouca imagina-

to perto de seus personagens. Verificamos este ponto ao lermos as suas memórias. Nesses livros, vemos como as reações psicológicas do homem Graciliano se aproximam bastante das expressões mostradas em suas personagens. Podemos garantir que, nas MEMÓRIAS DO CÁRCERE, criou um personagem de relevo que é o próprio Graciliano Ramos. Usando heterônimos, máscaras diversas, já o presentíam.

Mas o que além da unidade também grandeza à obra integral de Graciliano Ramos? Evidentemente, não obstante os processos pouco habituais, a aparência inhóspita e a autodepreciação, o autor que estudamos se impôs, fácil, ao meio literário brasileiro e foi bem acolhido até no estrangeiro. É verdade que a descoberta do Brasil pelos modernistas ajudou o artista profundamente sereno, mas ele não era modernista e até pelo contrário se mostrou adverso aos cacetes aristocráticos modernistas. Sem dúvida, a onda triunfante da "literatura do Norte" facilitou o seu êxito mas o autor de ANGÚSTIA tem pouco a ver com Jorge Amado e com José Lins do Rego. Aproxima-se mais da contenda de Rachel mas misto para a semelhança. Vou dizer algo que talvez pareça heterodoxo a meus patrícios. Graciliano faz-me pensar mais em Joyce do que nos seus colegas contemporâneos. Sua arte é mais de intraversão, de filmagem do tumulto interior. Sua maneira de escrever aparece mais com o "stream of consciousness" de Joyce de Faulkner, de Virginia Wolf, focaliza explosões do subconsciente que fazem pensar em influências longínquas e vagas do surrealismo. É verdade de que por sua formação clássica, antiteticamente, opõe-se ao fluxo descoordenado dos surrealistas. Mas James Joyce também é um clássico nítido no me propus. O que explica a forma especial, idiossincrática de Graciliano — seu reducionismo, sua "pobreza" — e a glória aparentemente imprevista conquistada pela sua obra? Encontrei a resposta no admirável artigo que dedicou a essa obra o homem estrangeiro e universal, que se naturalizou brasileiro, tendo escolhido o Brasil, país saboroso e doloroso, para sua pátria: Otto Maria Carpeaux. Ele, com sua experiência extraordinária, com sua saledoria

expressiva, nos oferece a chave para a explicação do caso Graciliano Ramos: o estilo, ou melhor, o que para ele significa estilos, o que para ele define como estilos e que é: "Escolha de palavras, escolha de construções,

escolha de ritmos dos fatos, escolha dos próprios fatos para conseguir uma composição perfeita, perfeitamente pessoal, na circunstância "a maneira de Graciliano Ramos". Assevera ainda o crítico austriaco: "Estilo é a escolha entre o que deve parecer e o que deve sobreviver". Prosegue Carpeaux: (Graciliano) é muito meticoloso: quer eliminar tudo o que não é essencial; as descrições pitorescas, o lugar comum das frases feitas, a eloquência tendenciosa". Depois de tudo eliminado o que fica? Segundo o mestre e autor da HISTÓRIA DA LITERATURA OCIDENTAL: "O



*Elton Ribeiro Lima*

crucial deparada por Graciliano continua. O Brasil continua sendo um país arcaico que se propõe a aceitar a modernidade, mas sem estabelecer antes a ordem da justiça".

Graciliano Ramos, sertanejo típico não obstante as boas leituras, comerciante interiorano, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

Sou levado a pensar se essa incompatibilidade conjugal não constitui uma poética metáfora, representando a cisão dramática na própria personalidade do romancista. Aceitando as teorias de Jung, que dizem a psique humana ser composta por dois elementos, Animus e Anima, representando o primeiro o princípio masculino e o segundo o elemento feminino, pode-se imaginar que o rude Paulo Honório e a meiga Madalena são corporificações de traços físicos da personalidade de Graciliano.

Estudando Monteiro Lobato,

que, em certos aspectos, faz

pensar em Graciliano, observei

que há nele, inconsciente, um desejo de repudiar a literatura, como se essa vocação maravilhosa fosse uma forma de perversão sexual. Antônio Cândido, perspicaz, percebeu essa tendência da nossa sociedade machista para achar o trabalho literário uma espécie de "tricô para homens". O comerciante de Palmeira dos Índios, naturalmente muito cioso de defender a sua honra, distintivo da sua masculinidade, não resistiu à tentação da literatura, como atividade desvirilizante? O uso imoderado do tabaco e da aguardente por Graciliano não buscária sopitar no escritor o complexo de culpabilidade? E as suas ideias revolucionárias, defendidas pela Sociedade Resistível e até pela Igreja — isto é, de oposição às regras idéias implícitas na "pecadora" Madalena de São Bernardo (neste o simbolismo do seu nome) — não daria, no fundo, a Graciliano, a desconfiança de uma anormalidade? Quem não apoia o Sistema de Poder é naturalmente suspeito...

Enfim, Graciliano poderia ter

passado toda a sua vida, na obscuridade, silenciando o seu conflito interior, se uma das rajadas de loucura da Nação não tivesse

arrabentado a porta de entrada

da sua casa tranquila... Quis o destino que o herói literário

também aparecesse como viti-

ma — mais uma maneira de

representar os seus patrícios in-

desejos. MEMÓRIAS DO

ESTADO RUSSO, que quis movimentar esse mundo imóvel por pretensas reformas econômicas sociais. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,

socias. "O mundo decadente de Graciliano baseia-se no esgotamento do antigo regime de propriedade, na erosão da sociedade patriarcal. A situação

consiste no fim de um casamento, em virtude dos ciúmes do marido. Em SAO BERNARDO, avulta ainda o problema da diferença insanável das duas mentalidades que compõem o casal. A ambição desmedida de Paulo Honório é afrontada pela generosidade de Madalena. Não é o sexo, o abismo misterioso que separa o par: ele é cindido, chefe de família normal, mais do que pelas agitações do seu tempo, foi marcado por uma fatalidade: o seu gênio literário,



sleiros, a igreja de Nossa Senhora do Carmo, anexa ao convento de igual invocação.

Núcleo urbano de porte razoável para a região, Alcântara possuía 8 mil habitantes quando Spix e Martius a visitaram, em 1820. Funcionando como entreposto marítimo e comercial da Baixada Maranhense, com a atuação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão

nha, as lutas da Independência e a Balaiada desorganizaram as atividades agrícolas e pastoris do Maranhão (18), afetadas igualmente pela queda dos preços dos produtos tropicais no mercado europeu, após as guerras napoleônicas.

A despeito de tais adversidades, era o município de Alcântara, em 1858, o 1º produtor de sal da província; o 2º de açúcar, aguardente, carne e couros; e o 3º de algodão, milho e farinha (19). Em 1864, tinha 51 senhores engenho, 30 criadores de gado, 61 fazendeiros de arroz, farinha e mais gêneros; possuía 33 casas de negócios. Uma agen-

cia do séc. passado (20) indica o caráter estamental da sociedade que se formou em Alcântara, com nítida valorização dos símbolos e sinal exterior de nobreza. A propriedade de sesmarias e datas de terras ensejava a nobilitação, assim como o exercício das armas na guerra contra o gentio de corço ou contra invasores estrangeiros... A administração corporações militares ou a irmandades religiosas também representava canal de ascensão social. A educação formal, recebida em Coimbra ou em outras universidades europeias permitiu, igualmente, que acantarenses tivessem acesso a profissões liberais, à política e à literatura. A cidade esteve bem representada por seus filhos no exercício da Presidência da Província, no Senado do Império e nas Assembleias Geral e Provincial. Quatro acantarenses ilustres foram agraciados com títulos nobiliárquicos (13).

Essa elite culta e europeizada dependia da mão-de-obra escrava para explorar as vastas terras de que era proprietária, já que o conceito cavaleiresco medieval do desprezo pelo tránsito isolando a parte mais afastada da cidade. Toda uma vasta área, da rua da Bela Vista — rebatizada como rua da Amargura — começou a arruinar-se, desde então, segundo descrições de bens constantes de inventários da época.

No inicio dos anos sessenta, a cidade, combatida pela epidemia de varíola e em parte deterrada, buscava reencontrar o passado esplendor, realizando

uma das periódicas epidemias de varíola que a assolavam cíclicamente. Entre 1851 e 1856, farta documentação indica os cuidados do governo da província, inclusive com autorização de verbas para a aquisição de "medicamentos e dietas", destinados às vítimas da doença (16) Médicos, cirurgiões, recrutas

aplicados aos escravos transgressores; e a diminuição do valor monetário das multas previstas. Quanto à primeira das alterações, explica-se pela intensificação da campanha abolicionista no País e no Maranhão, nos anos que antecederam a edição da Lei do Ventre Livre. Quanto à segunda das mudanças, reflete o empobrecimento da cidade, o qual, em sua realidade inelutável, sobrepuja às expectativas atestam a gravidade da situação. A vacinação torna-se obrigatória com as posturas municipais de 1852, posteriormente incluídas nos códigos. Ainda

até 1866 (19) pouco difere do anterior, inovando, todavia, em dois aspectos: a supressão quase total de castigos físicos a serem aplicados aos escravos transgressores; e a diminuição do valor monetário das multas previstas. Quanto à primeira das alterações, explica-se pela intensificação da campanha abolicionista no País e no Maranhão, nos anos que antecederam a edição da Lei do Ventre Livre. Quanto à segunda das mudanças, reflete o empobrecimento da cidade, o qual, em sua realidade inelutável, sobrepuja às expectativas atestam a gravidade da situação. A vacinação torna-se obrigatória com as posturas municipais de 1852, posteriormente incluídas nos códigos. Ainda

Médicos, cirurgiões, recrutas

ambiental permeiam as posturas, na determinação de que fossem plantadas árvores nas praças e nas proximidades dos mananciais, com destaque para a fonte da Mirititiba, onde se pretendia instalar a praça da Concórdia — depois Riachuelo (20) — versão local dos passeios públicos, que entao se multiplicavam nas capitais europeias e latino-americanas.

— Preocupações de natureza

características de núcleo urbanas, na determinação de que fossem plantadas árvores nas

praças e nas proximidades dos mananciais, com destaque para a fonte da Mirititiba, onde se pretendia instalar a praça da Concórdia — depois Riachuelo (20) — versão local dos passeios

públicos, que entao se multiplicavam nas capitais europeias e latino-americanas.

— Muitas das disposições são

no vinculado ao meio rural, na essência de seus interesses e atividades. Assim é que se detêm em prescrições sobre a "criação de porcos, cabras, carneiros e vacas de leite", nos limites da cidade. Aos cães, exige-se que sejam açoitados, para que possam "andar soltos pelas ruas". O gado destinado ao abate deve ser recolhido ao curral do

balho acentuarase com o instituto da escravidão. Os inventários percorridos indicam que a composição das fortunas locais permaneceu inalterada entre 1820 e 1890: os escravos representavam o maior valor percentual dos bens arrrolados. Mauarinos, equipamentos e ferramentas de trabalho pouco significavam. A enumeração de pratarias, jóias, cristais e alfaias confirma estilo de vida que, à medida que o século avançava, distanciava-se de padões e valentes rurais.

Na documentação em tela, os escravos são listados e minuciosamente descritos e avaliados. Em 1861, havia 5.300 cativos para 11.600 habitantes do município; na cidade, 4.500 escravos para 3.500 cidadãos livres. Segundo a tradição oral, teria largado curso o tráfico de escravos em Alcântara, com desembargues em cais clandestino nos arredores da cidade (14), o que explicaria a formação de grandes fortunas, cujos montantes supercedem (15).

Quando da elaboração do primeiro dos códigos de posturas, a meia vinha de livar-se de

melhoramentos e procedendo a reparos em prédios públicos, dentre os quais a Casa da Câmara e Cadeia (17). A esperança de dias melhoreis fundamentava-se no bom preço alcançado pelo algodão, em decorrência da desorganização da produção americana, afetada pela Guerra da Secessão. Ao mesmo tempo, o cultivo da cana-de-açúcar, impulsionado pela introdução de máquinas movidas a vapor, trazia novo alento aos fazendeiros. Esse esforço de modernização alcançava Alcântara, onde alguns engenheiros eram tidos como modelares.

Os códigos indicam a intenção de recuperar-se a cidade e o município, tendo como pano de fundo tais perspectivas de revitalização econômica. O texto de 1861 (18) contém 131 artigos, distribuídos em 11 títulos, acrescidos de disposições gerais. É documento elaborado (ou revisado) por pessoas versadas em princípios e técnicas legislativas, conhecedoras da legislação em vigor sobre as câmaras municipais e informadas das tendências reformistas do urbanismo.

Conselho e não "ficar pastanado" em logradouros públicos. Os cavaleiros, proíbe-se "esquivar... ou correr em desfile", exceção feita aos militares e policiais, "em ato de serviço". Regras de higiene são explicitadas quanto à venda de frutas e verduras, ao comércio de peixes; aos cuidados com a limpeza de matadouros e talhos públicos; à fiscalização de curtumes e salgadeiras. Exige-se que os proprietários mantenham limpas as testadas de suas casas, sendo obrigados — em 1861 — a mandar caí-las "dentro de seis meses". Essa mesma determinação e idêntico prazo repetem-se no código de 1866, ao que parece sem lograr obter maior eficácia.

— Relativamente à saúde pública, o combate à varíola é prioritário: os chefes de famílias ficam "obrigados a fazer vacinar filhos, famílios e escravos". Os infratores pagarão pesadas multas; os que não tiverem meios para fazê-lo serão presos por cinco dias. Médicos e cirurgiões encarregados da vacinação apresentarão "mapa mensal" das pessoas vacinadas à Câmara.

— Os funcionários municipais

eram responsabilizados pelo cumprimento das posturas, sen-

do prevista multa e até mesmo

prisão, se comprovada negligência no cumprimento das obrigações. Os particulares cabia a conservação de imóveis, cercas, pontes, estradas e caminhos, estipulando-se correição anual da Câmara para fiscalização dos trabalhos.

— Preocupações de natureza

ambiental permeiam as posturas,

na determinação de que

fossem plantadas árvores nas

praças e nas proximidades dos

mananciais, com destaque para

a fonte da Mirititiba, onde se

pretendia instalar a praça da

Concórdia — depois Riachuelo

(20) — versão local dos passeios

públicos, que entao se multiplicavam nas capitais europeias e

latino-americanas.

— Muitas das disposições são

no vinculado ao meio rural, na

essência de seus interesses e ativi-

dades. Assim é que se detêm

em prescrições sobre a "criação

de porcos, cabras, carneiros e

vacas de leite", nos limites da ci-

dade. Aos cães, exige-se que sejam açoitados, para que possam "andar soltos pelas ruas". O gado destinado ao abate deve ser recolhido ao curral do

ambiente

permeiam as posturas,

na determinação de que

fossem plantadas árvores nas

praças e nas proximidades dos

mananciais, com destaque para

a fonte da Mirititiba, onde se

pretendia instalar a praça da

Concórdia — depois Riachuelo

(20) — versão local dos passeios

públicos, que entao se multiplicavam nas capitais europeias e

latino-americanas.

— Muitas das disposições são

no vinculado ao meio rural, na

essência de seus interesses e ativi-

dades. Assim é que se detêm

em prescrições sobre a "criação

de porcos, cabras, carneiros e

vacas de leite", nos limites da ci-

dade. Aos cães, exige-se que sejam açoitados, para que possam "andar soltos pelas ruas". O gado destinado ao abate deve ser recolhido ao curral do

ambiente

permeiam as posturas,

na determinação de que

fossem plantadas árvores nas

praças e nas proximidades dos

mananciais, com destaque para

a fonte da Mirititiba, onde se

pretendia instalar a praça da

Concórdia — depois Riachuelo

(20) — versão local dos passeios

públicos, que entao se multiplicavam nas capitais europeias e

latino-americanas.

— Muitas das disposições são

no vinculado ao meio rural, na

essência de seus interesses e ativi-

dades. Assim é que se detêm

em prescrições sobre a "criação

de porcos, cabras, carneiros e

vacas de leite", nos limites da ci-

dade. Aos cães, exige-se que sejam açoitados, para que possam "andar soltos pelas ruas". O gado destinado ao abate deve ser recolhido ao curral do

ambiente

permeiam as posturas,

na determinação de que

fossem plantadas árvores nas

praças e nas proximidades dos

mananciais, com destaque para

a fonte da Mirititiba, onde se

pretendia instalar a praça da

Concórdia — depois Riachuelo

(20) — versão local dos passeios

públicos, que entao se multiplicavam nas capitais europeias e

latino-americanas.

— Muitas das disposições são

no vinculado ao meio rural, na

essência de seus interesses e ativi-

dades. Assim é que se detêm

em prescrições sobre a "criação

de porcos, cabras, carneiros e

vacas de leite", nos limites da ci-

dade. Aos cães, exige-se que sejam açoitados, para que possam "andar soltos pelas ruas". O gado destinado ao abate deve ser recolhido ao curral do

ambiente

permeiam as posturas,

na determinação de que

fossem plantadas árvores nas

praças e nas proximidades dos

mananciais, com destaque para

a fonte da Mirititiba, onde se

pretendia instalar a praça da

Concórdia — depois Riachuelo

(20) — versão local dos passeios

públicos, que entao se multiplicavam nas capitais europeias e

latino-americanas.

— Muitas das disposições são



**IDEAIS MUDANCISTAS**  
receio de que o Brasil  
pudesse ser ocupado ou  
dominado por outras na-  
ções estrangeiras, des-  
pertou a idéia de se interiorizar  
a capital do país.

Nesse sentido, pronuncia-  
mentos ilustres e ações efetivas  
foram realizadas, desde os pri-  
módios da nossa colonização.

A constituição federal de  
1881 já determinava: "fica per-  
tencente à união, no planalto  
central da república uma zona  
de 14.400 km<sup>2</sup> que será oportu-  
namente demarcada, para nela  
estabelecer-se a futura capital  
da República".

Assim, logo em 1891, foi cons-  
tituída a primeira comissão ex-  
ploradora do planalto central  
do Brasil, chefiada pelo enge-  
nheiro belga Dr. Luiz Cruls, na  
época diretor do observatório  
nacional.

A comissão era formada de 22  
membros, de várias profissões:  
agronomos, geólogos, médicos,  
tares, astrônomos, farma-  
ceuticos, botânicos, pessoal de  
apoio e ajudantes.

Esta comissão permaneceu  
por 7 meses no planalto, tendo  
uma de suas equipes se instalado  
a margem direita do córrego  
do Brejo, hoje do Acampamen-  
to, ou ainda da "Água Mine-  
ral".

A instalação de seus apare-  
lhos de observação deu-se no  
ponto mais alto — "alto da mi-  
ra" — hoje atrás do memorial  
JK.

O plano piloto de hoje, ocupa  
a área então chamada "Larga  
do Bananal" de propriedade  
dos irmãos Francisco Alexandri-  
no Lobo e Honório de Souza  
Júnior, de Formosa.

Em visita de apoio à comissão,  
em sua propriedade, Francisco  
Alexandrino Lobo, juntamente  
com outras pessoas que oacom-  
panhavam, solicitaram à comis-  
são que no aproveitamento das  
folhas de buriti para cobertura  
dos ranchos, então improvisa-  
dos, poupasssem as árvores, evi-  
tando que fossem derrubados os  
buritizeiros e que aproveitassem  
as folhas, retirando-as somente.

No que foi objetado por um  
membro da comissão justifican-  
do que seu pedido só poderia  
ser atendido se ele mesmo, o  
proprietário das terras e dos bu-  
ritis, fosse derrubar as folhas.

Regressando a Formosa, cho-  
cado com a resposta ao seu pe-  
dido, Francisco Alexandrino  
Lobo fez uma representação ao  
juiz de direito de Goiás, Dr.  
Marcelo Francisco da Silva,

progenitor do ilustre advogado  
goiano Dr. Colemar Natal e Sil-  
va, solicitando indenização pe-  
los danos causados. Dr. Marcelo  
concedeu despacho favorável à  
petição, recorrendo, ex-ofício,  
ao Supremo Tribunal Federal,  
no Rio de Janeiro, por se tratar

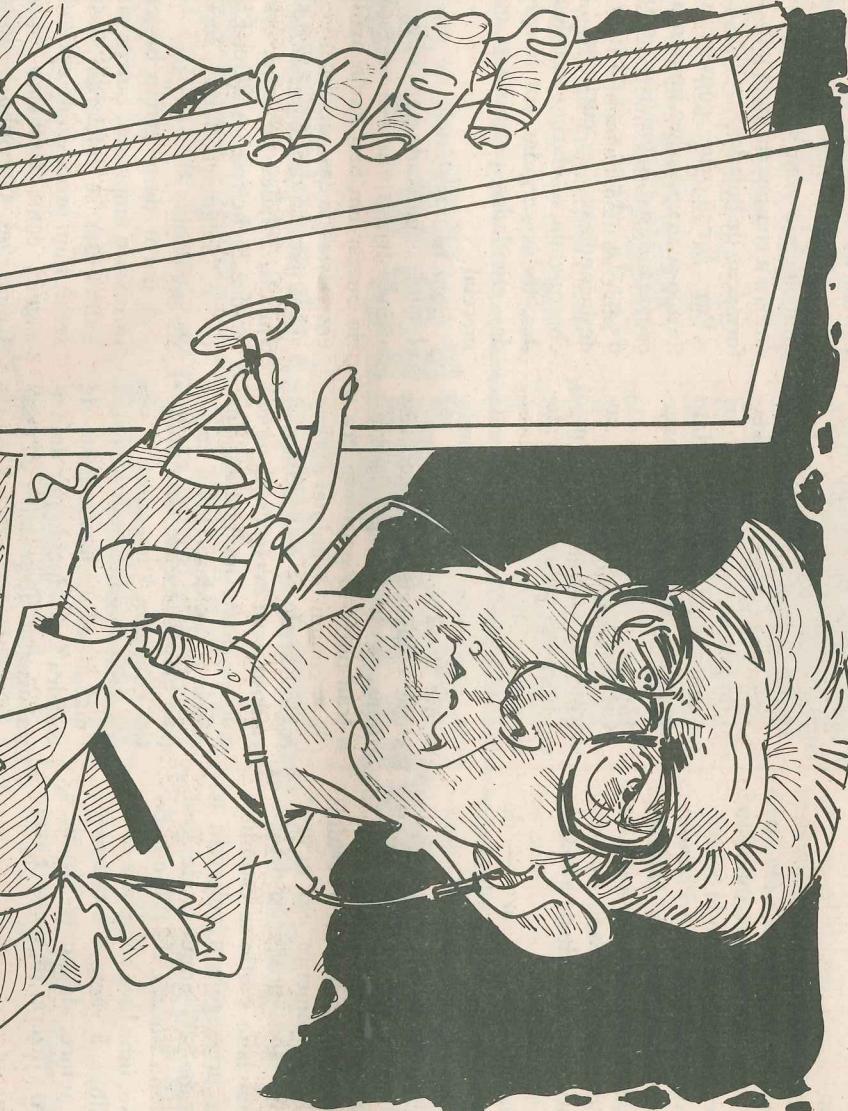
# Memória do Planalto

## Mestre D'Armas (II)

**HOSANNAH CAMPOS GUIMARÃES**

Academia de Letras e Artes do Planalto

*Concluindo o ensaio iniciado em DF-LETRAS Nº 1, o autor, verdadeira memória viva do Planalto Brasiliense, relata-nos aqui, muitas vezes com base em fatos e observações pessoais, a trajetória histórica de Planaltina-DF, onde nasceu em 1903.*



de sentença desfavorável à

União.

Esta sentença, reconhecendo

inclusive o direito de propriedade da área, foi valiosa para os

antigos proprietários em defesa

de seus direitos que chegaram a

ser contestados, postos em di-  
vidas, face ao art. 3º Constituição

de 1891, com o seu "fica perten-  
cente a união" ...

**A PEDRA FUNDAMENTAL.**

Em 1921, os deputados fede-  
rais Rodrigues Machado e Ame-  
ricano do Brasil, este goiano,

apresentaram projeto, objetivando  
lançar a pedra fundamental

Central e sugerindo de imedia-  
to, o início da sua construção. O

futuro capital federal. Este de-  
crito foi assinado pelo presiden-  
te Epitácio Pessoa e o ministro  
da aviação José Pires do Rio, em  
18 de janeiro de 1922.

Atendendo a determinações  
do decreto, providências foram  
tomadas para a fixação do mar-  
co. O ministro da aviação in-  
cumbiu o engenheiro Balduno  
Ernesto de Almeida, diretor da  
estrada de ferro Goiás, com se-  
de em Araguari, para cumprir a  
missão.

A 1º de setembro de 1922, a  
comitiva parte de Araguari com  
destino a Ipanema e lá prosse-  
gue de carro para o quadriláte-  
ro Cruls. A caravana com 11  
pessoas chefiada pelo engenhei-  
ro Balduno, com mestre de  
obra e pessoal de apoio, levando  
em caminhões o material neces-  
sário à implantação da pedra,

chegaram até Planaltina.

O local escolhido foi à mar-  
gem direita do Rio São Bartolo-

meu, próximo a uma vertente  
conhecida como cabaceira da  
Pindoba, em uma colina, que

passou a ser denominada Serra  
da Independência, com duas  
elevações que se destacam, a

que deram os nomes de Morro  
do "Centenário" e "Sete de Se-  
tembro".

A edificação, iniciada em 6 de  
setembro foi concluída no dia 7  
de setembro, antes do meio dia.

Assim, a previsão legal de seu  
assentamento para o meio dia  
cumprida.

Na edificação da pedra foram

usados 33 blocos, em comemo-  
ração aos 33 anos da proclama-  
ção da república (1889 — 1922).

A solenidade oficial, confor-

me a ata do seu lançamento, se  
deu ao meio dia do dia 07 de se-  
tembro contando com a presen-  
ça do engº chefe Adelino de  
Guaypurus Piranema represen-  
tando o Exército Nacional, o en-  
genheiro Aldo de Moura Azeve-  
do representando a Câmara dos  
Deputados Federais, o juiz de  
direito de Formosa Dr. Artur  
Abdon Povas, representando o  
Governo do Estado de Goiás, o  
deputado Evangelino Meireles  
(de Luziânia) representante da  
Câmara e do Senado Estaduais,  
o deputado federal Americano  
do Brasil, representante dos  
municípios de Santa Luzia, For-  
mosa e Planaltina e grande mas-  
sa popular.

O engº Balduino Ernesto de  
Almeida declara então lançada  
a pedra fundamental e iça a  
bandeira nacional ao som do Ni-  
no Nacional e dirige a todos, au-  
toridades e povo, palavras alusi-  
vas ao ato. Falaram ainda re-  
presentantes do Governo do Es-  
tado, da Câmara e do Senado  
Estaduais e ainda o represen-  
tante dos municípios de Formo-  
sa e Planaltina, Dr. Francisco  
Hugo Lobo.

Além de grande massa popu-  
lar, em sua maioria, pessoas de  
Planaltina, e de cidades vizi-  
nhas, estiveram presentes Gel-  
míes Reis de Luziânia, José  
Teodolino da Rocha de Formo-  
sa, e de Planaltina, o proprietá-  
rio da área onde se lançava a  
pedra, Salviano Monteiro Gu-  
márias e seus filhos Gabriel e  
Sebastião Campos Guimarães.

Nesta pedra há uma placa de  
metal com os seguintes dizeres:  
"Sendo presidente da Repú-  
blica o excellentíssimo senhor  
Dr. Epitácio da Silva Pessoa em  
cumprimento do disposto no de-  
creto nº 4.494, de 18 de janeiro  
de 1922, foi aqui colocada em 7  
de setembro de 1922, ao meio  
dia, a pedra fundamental da fu-  
tura capital federal dos Estados  
Unidos do Brasil".

Em 07 de setembro de 1922,  
sendo governador do Distrito  
Federal, José Ornellas de Souza  
Filho, Secretaria de Educação e  
Cultura a professora Eurides  
Brito da Silva e administrador  
regional de Planaltina Salviano  
Antonio Guimarães Borges, o  
monumento foi tombado, pelo  
decreto nº 7.010, de 07 de se-  
tembro de 1982.

**COMISSÃO POLI COELHO**

Em 1945, o presidente Eurico  
Gaspar Dutra reativou o tema  
de mudança da capital, no-  
meando nova comissão de doze  
membros, entre eles o então go-  
vernador de Goiás, Dr. Jerôn-  
imo Coimbra Bueno, e chefiada  
pelo general Djalma Poli Coe-  
lho.

Esta comissão teve sua solu-  
ção retardada por mais de 2  
anos por causa da atuação do  
engenheiro Lucas Lopes e do  
deputado mineiro Benedito Va-  
ladares, que juntamente com

outros políticos defendiam a transferência da capital para a região do Triângulo Mineiro, Paracatu ou Juiz de Fora.

Após debates acerca do assunto, a Comissão Poli Coelho decidiu que a área já estava es-

colhida anteriormente pela comissão Cruls.

Sendo Jerônimo Coimbra

Bueno — governador de Goiás e eu, o vice-governador, origi-

nário de Planaltina, foi-me soli-

citado criar condições de hospe-

dagem para a comissão em mi-

nha terra natal, quando da sua

visita ao Planalto, como também

de dar-lhe toda a assistência ne-

cessária.

Escolhido o local, Jerônimo ponderou-me:

"A localização no Planalto, além de ser a melhor para o

Brasil, o é também para Goiás,

cuja configuração geográfica di-

ficulta a administração do esta-

do, vez que a área escolhida o

divide ao meio, constituindo-se

no sul do norte e no norte do sul

e proporcionando uma melhor

administração, especialmente

para a área norte, mais pobre e

de mais difícil acesso".

Por outro lado, mandou cons-

truir um campo de aviação, pró-

ximo à cidade e instalou um rá-

dio para comunicação, com um

operador, para o atendimento à

comissão.

O general Djalmal Poli Coimbra confirmou e o marechal Pesso-

a definiu".

**AGRICULTURA E PECUÁRIA**

**ANTIGAS**

**TENDO**

**EM VISTA**

**A INEXISTÊNCIA**

**DE RECURSOS MINERAIS**

**EM PLANAL-**

**TINA, A ECONOMIA PARTIU**

**PARA**

**UM**

**AGRICULTURA RUDIMENTAR**

**E DE SUBsistência.**

**Na medida do crescimento**

**populacional, iniciou-se um no-**

**vo ciclo, o da "pecuária", sendo**

**em maior escala a criação do ga-**

**do bovino e em menor a de**

**equino.**

**O gado existente, inicialmen-**

**te, era o "curraleiro" ou "pé-**

**duro", que prevaleceu até o iní-**

**cídio**

**desse**

**século.**

**Ao lado da agricultura e pe-**

**cuária, verificou-se o fortaleci-**

**mento das atividades comercial**

**e industrial.**

**O comércio contava com lo-**

**jas, destacando-se a "Casa Leal-**

**da de Epaminondas da Silva**

**Campos, a "Loja Grande" de**

**Alexandre Salgado e Salviano**

**Monteiro Guimarães. Estas fir-**

**mas adquiriram os produtos em**

**sua maior parte de São Paulo**

**(sal, tecidos, ferragens, armari-**

**nhos, etc) e outros de Goiás,**

**principalmente o café de Co-**

**rumbá, e exportavam sola para**

**São Paulo, e os calçados, arreios**

**e artefatos de couro para outros**

**municípios de Goiás.**

**Outro aspecto peculiar que**

**ocorreu na região foi a exporta-**

**ção de potros e cavalos para os**

**pantanais e garimpos de Mato**

**Grosso no fim do século passa-**

**do.**

**Criados na região, este co-**

**mércio de equinos teve início**

**em Formosa pelo coronel Vale-**

**riano de Castro (Valut), e leva-**

**dos até Mato Grosso por comiti-**

**vas, em levas de aproximada-**

**mente 80 a 100 animais.**

**Tal comércio estabeleceu-se**

**intensamente. Primeiro, porque**

**o transporte lá existente era o**

**"boi" comum — animal pachor-**

**ento e ferdo — e o garimpeiro**

**vaidoso dava preferência ao ca-**

**reiro e rapidez. Havia na re-**

**gião matogrossense uma moles-**

**tia chamada "naganose", co-**

**nhecida popularmente como**

**"mal de escancho ou peste de**

**cadeira", produzido por um tri-**

**panossoma, hospedeiro da capi-**

**vara, cachorro ou tatu, que a**

**um nelore, de nome Japão, e**

**outro Guzerá, de nome Fazen-**

**dão.**

**A partir deste plantel iniciou-**

**se a melhoria do gado na região**

**e a introdução do zebu no norte**

**de Goiás.**

**Por outro lado, o cruzamento**

**do touro nelore — Japão —**

**com as moças "curraleiras"**

**deram como produção um gado,**

**na maioria mocha, muito pesa-**

**do, com características semel-**

**hantes hoje ao do "Tabapuá".**

**A produção era vendida na**

**região e também fora dela, co-**

**mo, com características semel-**

**hantes hoje ao do "Tabapuá".**

**Em outubro com o boi, adquiri-**

**dos, vendendo-os e regressando**

**para a fazenda. Cocal do An-**

**drade a um fazendeiro de Silvâ-**

**nia, de nome Louza, e que pos-**

**teriormente foi adquirido, de**

**terceiros, por Alberto Ortem-**

**blad — criador, selecionador e**

**fixador da raça Tabapuá em São**

**Paulo e no Brasil.**

**Quanto a criação de equinos,**

**os animais existentes eram co-**

**muns, sem nenhuma caracterís-**

**tica racial predominante.**

**O primeiro equino de raça a**

**chegar no município foi um.**

"Campolina" adquirido por Salviano Monteiro Guimarães, de procedência mineira, denominado "Sentinela". A partir de Janeiro, levando a decisão ao parlamento, na produção e, em 1948, o excelente senhor Presidente da República João Café Filho.

E podemos assim concluir:

"Cruls demarcou; Poli Coe-

lhão confirmou e o marechal Pesso-

a definiu".

**ORIGENS DA EMBRAPA EM**

**PLANALTINA**

**Sendo governador de Goiás**

**(1946 a 1950), o Dr. Jér-**

**ônio Coimbra Bueno e seu vice-**

**governador, empenhados na**

**criação de um posto agropecuário**

**para Alarcão e o agrimensor**

**deputado João de Abreu e Al-**

**Abreu, foi obtida uma verba fe-**

**deral para sua instalação. Inte-**

**ressos outros porém entraram e**

**destacando-se: o curtume, a**

**charqueada, a selaria e os calça-**

**dos, todas surgidas em função**

**das atividades pecuária e co-**

**mercial.**

**Com a inexistência de mão-**

**de-obra capacitada para operar**

**as indústrias tornou-se necessá-**

**rio buscar em São Paulo artifi-**

**cias nestas áreas, originando a**

**vinda para cá de Vitorino Ben-**

**vinhati, Plaides Grassini, Ale-**

**xandre Sicheiróli, os IDEFIA-**

**CO e "Salgueiro Bano", todos**

**de São Paulo.**

**O produtor do curtume — a**

**sola — era exportada, principal-**

cedida a permissão para Leonel Souza Lima abrir a primeira escola primária, particular, no Arraial de Mestre D'Armas, sómente para o sexo masculino.

Em 1882, foi criada a primeira escola pública primária, também só para o sexo masculino.

Na 1ª década deste século foram fundadas duas escolas primárias — uma para o sexo masculino, na rua 1º de Junho, senão, na praça São Sebastião, próxima à igreja, sendo professora Rita de Almeida Campos Salga. Seguiram-se a estas escolas o Colégio Evangélico dos Protestantes, a escola Normal D. Oliveira de Planaltina na praça Cel. Sávio Monteiro e a escola paroquial São Sebastião.

No fim da década de 20 o governador de Goiás, Alfredo de Moraes, e seu secretário de educação, o médico Dr. Gumericino Marques Otero, em visita a Planaltina, inauguraram o grupo escolar na praça Cel. Salviano Monteiro e a escola paroquial São Sebastião.

Sobre a construção de Goiânia muito já se falou, mas ainda não é muito o que se falou. Filha dos anos trinta, gestada em lenta gravidez de ideias nos séculos 18 e 19, a idéia de mudança da capital do Estado de Goiás foi retomada pelo intérprete Pedro Ludovico Teixeira, no início da década de trinta, como filha adotada, que se tornou dileta, espelho dos olhos, esperança e progresso, estratégia e sobrevivência política.

O início dos anos trinta no país foi conturbado. Foram destruídas as antigas forças oligárquicas através de um movimento aglutinador de forças heterogêneas (oligarquias dissidentes, camadas médias urbanas, tecenentes, burguesia industrial...), não se conseguindo ainda definir o estranho código político que se ouvia no vento. Mas a resposta viria das articulações em torno de uma burguesia incapaz de, na Primeira República, efetivar o processo de acumulação de capital, mola-

Sendo professoras Maria América Guimarães, Eliacena Pereira da Costa, Flavia Carneiro e D. Inês. A área destinada ao grupo foi dada por Salvianno Monteiro Guimarães.

A instrução de Planaltina era ministrada por estes grupos escolares.

Em 1950, foi construído um grupo escolar, substituindo o que havia, na mesma praça, sendo secretário de obras o Dr. Columbino de Bastos.

O estudo normal era ministrado pelo colégio São José da Congregação dos Dominicanos na cidade vizinha de Formosa, pelas irmãs dominicanas da mesma Congregação (ordem), até finalmente ser criada a escola normal D. Olivia Guimaraes, em Planaltina.

#### MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

A mais antiga, principal e tradicional manifestação popular existente em Planaltina é a Festa do Divino. Esta festa é realizada anualmente toda Sexta-Feira da Paixão, onde há representação teatral da Crucificação e Morte de Jesus Cristo. Esta encenação tem o acompanhamento de uma procissão feita de carros e de pessoas que sobem o morro a pé. Esta festa é realizada no morro da Capelinha, numa área hoje pertencente à Sra. Dulce Campos Guimarães, filha do coronel Salviano Monteiro Guimaraes. A festa hoje tem repertório a nível nacional e vem contando nos seus últimos anos com milhares de pessoas.

As demais manifestações populares, como representações teatrais, bumba meu boi, festa junina, quadrilhas, etc. são comemoradas em Planaltina, esporadicamente.

Não é impossível alcançar.

— Reminiscências de Planaltina, de Gabrilia Guimaraes

— Crônica religiosa para a história de Mestre D'Armas, de Celso Reis.

— Planaltina 1859 — 1973, do CDF/Secretaria do Governo, 1973, 76 p.

— Planaltina — Síntese Histórica e Estatística, do GDF/Secretaria do Governo, 1974, 139 p.

— Goiás, 1853 (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Ar-

queiros sobre a Preservação de Bens Culturais,

de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Goiás, 1853 (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

— Plano de Planejamento para a nova capital da República, 1991, 225 p. (Quinquagésimo — 1º Encontro Nacional de Arqueiros sobre a Preservação de Bens Culturais, de Planaltina, março 1985, 14 p.

o vento. A resposta estava na estruturação de um Estado cuja composição político-social oscilava entre os grupos oligárquicos que centralizavam as decisões políticas nas cidades de Goiás, Porto Nacional e Morenhos, ligadas aos moldes e práticas políticas da Primeira República, e outros grupos oligárquicos situados no Sul e Sudoeste do Estado, cujo potencial econômico não encontrava o devolvimento respaldo político e cuja mentalidade era, para a época, bem mais modernizante e liberal, embora ligada com o afim de uma raiz à estrutura fundiária.

Goiânia foi edificada sob parâmetros vários. Serviu de estratégia política de poder para seu mentor, Pedro Ludovico, numa época em que o governo era provisório e o governante um interventor indo ao encontro das eleições constituintes de 1933, que elegeriam os representantes governamentais e senatoriais em 34. A ideia de mudança da capital era uma bandeira empunhada como argumento, defendida como necessidade,posta como anseio de um povo, requisitada como fundamento e representatividade de um Estado carente de uma capital à altura de seu pretendido salto político-econômico. A mudança da capital ocultava a face mais real de seu intento. Não era apenas o deslocamento do centro de poder dos velhos oligarcas Caiados. O era também. Não era apenas a vontade atávica de um político que buscava concretização. Era bem mais que isso. Feita em nome do progresso, da esperança e do pretendido "novo" que se contrapunha ao suposto "velho", Goiânia representava o veículo de condução político burocrática capaz de levar o estado a uma maior inserção no mercado nacional, a uma dinamização do processo de acumulação capitalista nas fronteiras mais desenvolvidas economicamente no Estado. Ante de ser uma capital para Goiás, Goiânia era uma capital para o Sul e Sudoeste do Estado, uma vez que estes grupos haviam em contrário a abertura de participação política necessária aos seus intenitos no Movimento da Trinta, via Aliança Liberal, concretização de tais anseios no Partido Social Republicano (PSR), liderado por Pedro Ludovico nas eleições de 33/34. Pedro Ludovico, um médico em busca de ascensão política, um liberal, um humanista, um líder representante dos anseios políticos e econômicos dos grupos ligados ao Sul e Sudoeste do Estado. Um carisma solidário à transformações.

em especial a da cidade de Goiás, alegava problemas de toda ordem para a não efetivação de ato tão protelado ao longo da história goiana. A falta de verbas, a carência econômica de um Estado face aos gastos tão múltiplos que se iria fazer, a aplicação dos mesmos na solução de problemas crônicos de vários municípios nas áreas de saúde, educação e energia. Os ouvidos mudancistas se dispunham a emitir silêncios. Não se tratava de remodelar o "velho" e sim providenciar o "novo". Não se tratava de prever os gastos e sim calcular os investimentos. Não se tratava mais de manter o atraso para se obter maior autonomia de poder. Os tempos eram outros e a resposta talvez nem pudesse mais vir com o vento.

A verba viria dos lotes vendidos na área da construção de

Uma parcela da sociedade da época, a que tinha expressão na política local, escondia o fazendo por trás do profissional liberal. Era o médico, o advogado, o farmacêutico, o engenheiro, o bacharel, etc, quase todos ligados à estrutura fundiária, que demonstravam por si mesmos ou através de seus representantes geralmente das camadas médias urbanas, uma mudança nos quadros da política estatal. Se fazia crer que o velho, a velha ordem oligárquica, tinha cedido lugar a uma nova ordem, de novos homens, entre jalecos e leis, remédios e construções, que, assim, dariam ao Estado uma nova mentalidade: mais progressista, mais moderna, mais dinâmica. Era um reflexo do espelho dos anos trinta. Uma mentalidade urbana com os pés plantados em solo rural. Tal mesclagem (urbano-rural),



já a cavalgada da glória. Goiânia é, assim, a espécie de cadi-  
nhão em que se cozem e purifi-  
cam os nossos vários caracteres.  
Nela, mais que em outro poin-  
to de vista nacional, verda-  
deiramente a conquista do Bria-  
sil pelo Brasil, isto é, a Marcha  
para o Oeste para um intui-  
tivo inicial, um propósito básico.  
Goiânia foi a manifestação pri-  
mordial desse movimento profundo  
de nacionalidade." (Paulo A. F.  
gueiredo. *Revista Oeste*, pg.  
220-221). Talvez nem Pedro Lu-  
dovico nem seus aliados soubessem  
sem que Goiânia representava  
tanto e tantas coisas assim.



ocando no Olym-

# M

nhecimento  
lha demais  
eficiente; (a  
do tempo  
tração nã  
tes das ru  
poesia.  
A march  
de Vargas  
Goiás, Pec  
tava, assim  
espelhasse  
vel, na va  
pós-30. Uri  
nassee a vici  
se a econô  
Em sum  
considerac  
Novo, um  
ção deper  
regime in  
culminou  
Vargas em  
que se in  
também

nhecimento humano, estava velha demais para uma plástica eficiente. Suas rugas no espelho do tempo serviam de denotação não valorativa, diferentes das rugas de Cora e de sua poesia.

A marcha desenvolvimentista de Vargas e seu espelho em Goiás, Pedro Ludovico, necessitava, assim, de uma capital que espelhasse o progresso, acessível, na vanguarda dos tempos pós-30. Uma capital que coordenasse a vida política e estimulasse a econômica.

Em suma, Goiânia pode ser

considerada um fruto do Estado Novo, uma vez que sua realização depende basicamente do regime instalado em 30 e que culminou na ordem imposta por Vargas em 37. Para o regime que se instalava o inverso era também verdadeiro: Goiânia

era a representação maior do "nacionalismo", do "bandeirantismo", da "sagacidade" do brasileiro, termos cantados e de cantados pelos ideólogos do Estado Novo.

Torna-se claro que Pedro Ludovico e o Estado Novo tinham um forte ponto de convergência: Goiânia. Pelo lado de Pedro Ludovico, o regime servia como suporte de sua mais alta realização política — sua e dos grupos oligárquicos do Sul e Sudeste —, pelo lado do Estado Novo, Goiânia servia como concretização dos ideias do momento, como símbolo que encarnava, na prática, o nacionalismo apregoado pelo regime. Eles se serviam, se complementavam. No tocante à mudança da capital, podemos afirmar que o Estado Novo foi o catalizador final da transferência da capital, bem

como o início de uma dependência política cada vez maior junto ao Governo Federal.

Para se refletir sobre a construção de Goiânia é necessário entendê-la sob o manto da expansão capitalista que se processou no Brasil do pós-30. Havia em Goiás grupos oligárquicos ligados às regiões sul e sudeste que ansiavam por uma maior participação política no governo para dar vazão aos seus potenciais econômicos, uma vez que a política da Primeira República cerceava qualquer participação política de elementos fora de seus interesses.

Tal questão tem sido analisada sob o prisma básico de que as oligarquias que controlavam o poder no Estado durante a Primeira República não tinham qualquer interesse em desenvolvimento uma vez que sua tática

era a de manter o atraso do Estado para garantir a continuidade de sua hegemonia. Assim concebido temos que a ditadura se instalava, pois as regiões de maior desenvolvimento econômico e anseios progressistas estavam fora do jogo político das decisões.

Se assim considerarmos vamos observar que havia toda uma mentalidade de progresso e modernização perpassando as necessidades dos grupos do sul e sudeste do Estado, fruto de seu processo histórico, que vai encontrar ressonância na Revolução de Trinta, apoiando antes a Aliança Liberal e tendo em Pedro Ludovico Teixeira o representante adequado às necessidades de maior expansão econômica do Estado, com o fito de inserir cada vez mais Goiás no mercado.

Enfim, chegava-se a uma época de definições em relação a Goiânia. Sua inauguração oficial só se daria cinco anos mais tarde, em julho de 1942. Hoje entendo que, se Goiânia não foi a realidade mais desejável ao longo de seu processo histórico, foi, pelo menos, a melhor utopia possível.

Nasr Chaul, mestre e doutorando em História da Universidade Federal de Goiás e também letrista de sucesso, endereço para correspondência: Rua 2, nº 155, ap. 501 - Setor Oeste. 74.320 - Goiânia - GO.

# Música e Mestiçagem

## Tropicalização Musical

ODETTE ERNEST DIAS

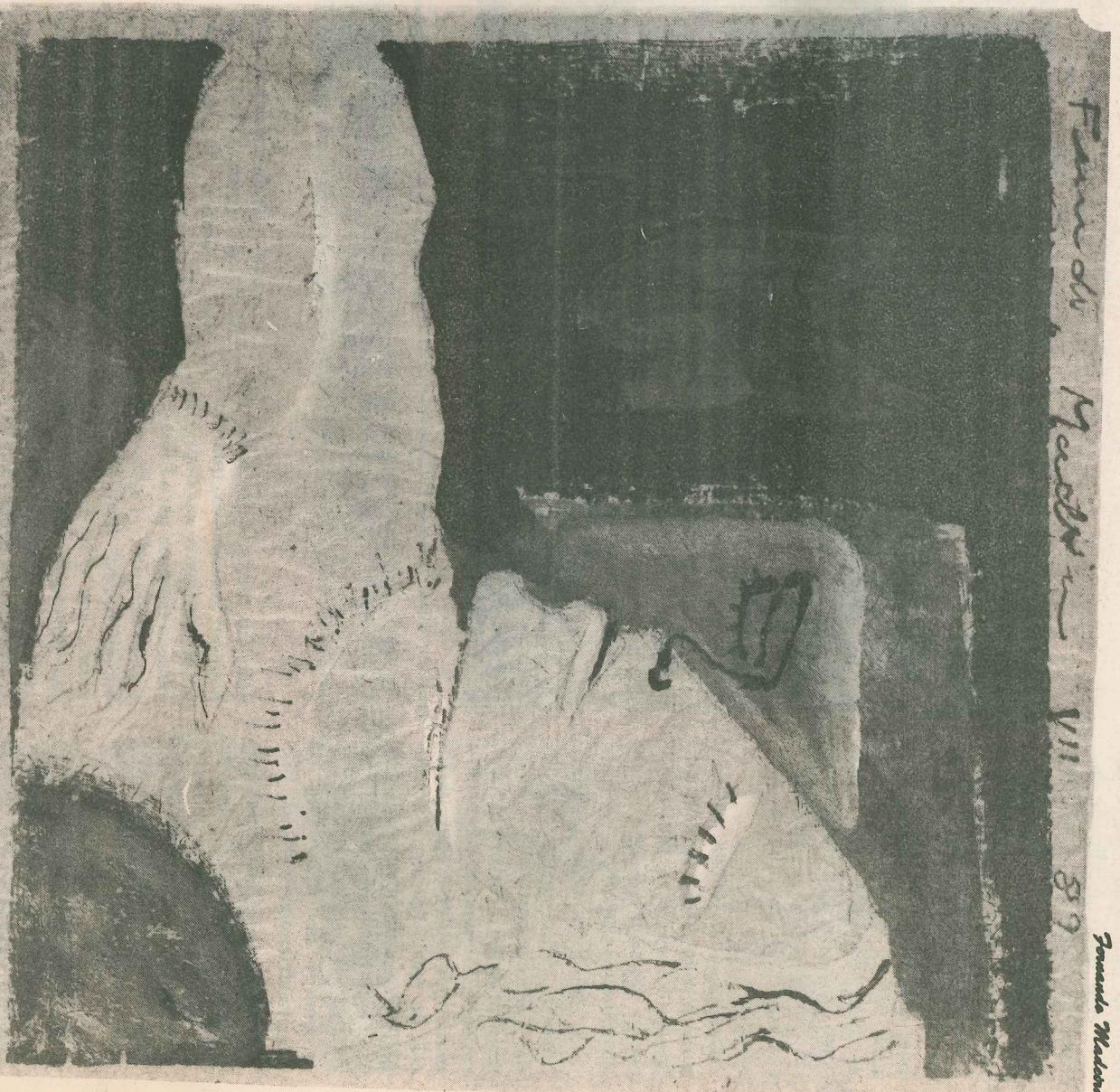
Universidade de Brasília

**Neste artigo, originalmente objeto de comunicação em um simpósio internacional, a profa ODETTE ERNEST DIAS examina o fenômeno de tropicalização da música francesa que resultou no "choro" brasileiro, no "biguine" da Martinica e no "segá" de Ilha Maurício. A objeção de ODETTE ERNEST DIAS é uma tentativa de apresentar esta "tropicalização musical" em três países: o Brasil, a Martinica e a Ilha Maurício, bem como destacar o papel da cultura francesa nesse fenômeno e de entrever suas transformações e tendências atuais.**

O artigo de ODETTE ERNEST DIAS é uma tentativa de apresentar esta "tropicalização musical" em três países: o Brasil, a Martinica e a Ilha Maurício, bem como destacar o papel da cultura francesa nesse fenômeno e de entrever suas transformações e tendências atuais.

Imagens e espelhos

A cultura francesa, por ra-



**Neste artigo, originalmente objeto de comunicação em um simpósio internacional, a profa ODETTE ERNEST DIAS examina o fenômeno de tropicalização da música francesa que resultou no "choro" brasileiro, no "biguine" da Martinica e no "segá" de Ilha Maurício. A objeção de ODETTE ERNEST DIAS é uma tentativa de apresentar esta "tropicalização musical" em três países: o Brasil, a Martinica e a Ilha Maurício, bem como destacar o papel da cultura francesa nesse fenômeno e de entrever suas transformações e tendências atuais.**

O artigo de ODETTE ERNEST DIAS é uma tentativa de apresentar esta "tropicalização musical" em três países: o Brasil, a Martinica e a Ilha Maurício, bem como destacar o papel da cultura francesa nesse fenômeno e de entrever suas transformações e tendências atuais.

Imagens e espelhos

A cultura francesa, por ra-

nas quais a moça da família  
“tocaria para as visitas” sobre  
um piano francês, (Pleyel, Ga-  
veau ou Erard), importado a  
preço de ouro. E dançava-se em  
seguida as polkas, valsas, qua-  
drilhas e mazurkas... como em  
Paris...

Aventuras de uma Polka

um mole, o que não existe na polka européia onde são sobre-tudo os pés que marcam a cidadência.

Imperador Dom Pedro II, também gosto pela sícope e escrevem polkas em ritmo de “choro”, com toda a elasticidade do “lundú”.

vêm justamente do seu caráter híbrido e da sua evolução constante, poder-se-ia parar este movimento em nome de "tradições" e de "autenticidades"? Será que o fato de continuar a absorver as tendências mais variadas, digeri-las e redistribuí-

Aventuras de uma Polka

Seria mesmo como em Paris? Se o modelo dominante era a França, nós estávamos em um outro mundo, dominado. Que mundo? Estamos sob os trópicos, faz calor, os corpos mesticos são diferentes apesar das roupas à moda européia, a cor da pele é mais escura, os olhares lânguidos, os gestos dos braços e das mãos, a forma de andar estão muito distantes das "boas maneiras" francesas.

O viajante francês Jean-Fer-

Mas quando os caminhos históricos começam a divergir, as músicas se diferenciam também.

Imaginemos, à guisa de exemplo, as aventuras de um gênero musical nascido na Europa Central, mas que fez imediatamente furor nos salões parisienses do século XIX: a Polka. Escolhi o exemplo por suas características rítmicas bem marcadas, binárias, com acento sobre os tempos fortes e ainda nor-

características africanas presentes no Lundiú.

No Brasil, na Martinica, na Ilha Maurício, continua-se a interpretar os ritmos europeus, mas as novas composições sincopadas, acompanhadas de instrumentos de corda e de percussão, diferenciam-se cada vez mais do modelo dominante original. A polka tornase mais leve, mais humorística e às vezes zombadora, enriquece-se com improvisações e de contraponto.

salão tipicamente  
peufrancês, “A Quadri-  
Lanceiros”, do qual com-  
a última figura coreográ-  
A propósito da quad-  
interessante notar uma  
ção da linguagem falada  
idêntica no Brasil e na Fran-  
ça. As figuras da dança:  
gidas por um “commâ-  
(na Martinica) e “puxad-  
Brasil], que dão as orcas  
francês fonético:

Asistimos hoje a um retorno dessa música aos grandes centros, o que seria, de uma certa maneira, uma destropicalização. A migração se faz por necessidade de sobrevivência. Pará os músicos, os grandes centros de gravação e de distribuição encontram-se agora em Paris, Nova York, Los Angeles,



Uma música tocada com os meios à mão e com outras faculdades locais. Se o piano é o centro dos salões, o que se passaria nas ruas, nas periferias?

O povo vai tentar imitar, também, ele, a música importada, vai reinterpretá-la e criar suas próprias expressões. Por razões econômicas, troca-se o piano por instrumentos portáteis de corda (guitarra, bandolim, "cavaquinho" no Brasil, banjo nas Antilhas) e o ritmo das danças se sustentará por instrumentos de percussão de origem africana.

This is a black and white photograph showing a close-up of a textured surface, possibly a wall or rock face. The texture is rough and uneven, with various shades of gray. A small, bright, irregular shape is visible near the bottom center of the frame, which appears to be a piece of debris or a hole in the wall. The overall composition is dark and moody.

An aerial photograph showing a river or stream flowing through a valley. The river is dark and meanders through lighter-colored, possibly sandy or rocky, banks. The surrounding terrain is covered in dense, dark green vegetation, likely a forest. The overall scene is a mix of natural water features and land cover.

A musica se transforma como se fosse uma receita de cozinha, em que a substituição de certos ingredientes originais forma um novo resultado mais saboroso e mais rico do que o modelo inici-al.

uma das músicas preferidas de meu pai mauriciano, quando se sentia nostálgico ou deprimido, quando emigrou para Paris após a guerra de 1914, e que, adolescente, tocara clarineta numa banda em Port-Louis. Polkas

A evolução da música crioula no fim do século XIX e na primeira metade do século XX acompanha o desenvolvimento da economia e as modificações sociais consequentes. A classe média mestiza está em ascensão

A música que vinha da Europa encontrava um terreno fortemente africano, tanto na Martinica quanto na Ilha Maurícia e no Brasil. Apesar das rupturas e separações às quais submetia-se o negro escravo, sua cultura continuava a se manifestar, particularmente na música (e também na culinária), conservando características que até hoje perduram em dois traços eminentemente africanos: o timbre vocal grave, rouco, e a música dialogada, entre solista e côrvo.

uma das músicas preferidas de meu pai mauriciano, quando se sentia nostálgico ou deprimido, quando emigrou para Paris após a guerra de 1914, e que, adolescente, tocara clarineta numa banda em Port-Louis. Polkas que devem se parecer bastante com as que as bandas de instrumento de sopro tocavam a céu aberto no século XIX e que a colonização trouxe para as praças públicas das cidades tropicais.

A polka encontra no Brasil uma outra dança do fim do século XVIII, o Lundú, parente da Polka pelo mesmo desenho a dois tempos, mas muito mais flexível, sincopada, com os deslocamentos de acentos sugerindo um movimento mais sensual, do que rítmico.

Há casos mesmo em que compositores estrangeiros, como o flautista belga Mathieu-André Reichert (1830-1880) que veio ao Brasil convidado pelo

A evolução da música crioula no fim do século XIX e na primeira metade do século XX acompanha o desenvolvimento da economia e as modificações sociais consequentes. A classe média mestiza está em ascensão e suas expressões linguística e musical adquirem características cada vez mais autônomas e que se tornam expressões nacionais. O "choro" no Brasil, a "biguine" na Martinica, o "segunda" na Ilha Maurício, conservaram certos laços de parentesco com a polka original, mas as diferenças se acentuam cada vez mais.

— enarê — “en arrière”  
— balancê — “balancez”

**Na Martinica:**

— balancez-moi les hitres — ba-  
lancez-moîles huits  
— en lavande-en avant les deux  
— allez liron — “allez en rond”

O “choro”, a “biguine”, o  
“sega” são considerados autên-  
ticas manifestações nacionais.  
Constatamos porém que são  
produtos híbridos. Até onde vão  
seus laços de parentesco recí-  
procos? Onde estão suas dife-  
renças? Seria legitimo querer  
imobilizá-los como músicas  
“tradicionais”, “auténticas”,  
“típicas”? Ouvindo-as, consta-  
tamos quanto elas evoluem no  
passado e como esta evolução

**espiritual é o legado:**

**A tradução da poesia** sendo  
uma aventura à qual renuncia-  
mos, mantivemos o texto de ori-  
gem; apresentando aqui uma  
simples transcrição das palavras  
do Francês para o Português:  
“Todo o homem cria sem o sa-  
ber, como respira/Mas o artista  
se sente criar/Seu ato engaja  
todo seu ser/Sua pena bem  
amada o fortifica.

\* ODETTE ERNEST DIAS é  
professora da Universidade de  
Brasília e grande flautista. DF  
LETTRAS agradece ao professor  
PEDRO DUARTE, da Câmara  
Legislativa, a tradução do pre-  
sente artigo.

continua no presente.

**espiritual é o legado”.**

**Nota do tradutor:**

A tradução da poesia sendo uma aventura à qual renunciamos, mantivemos o texto de original; apresentando aqui uma simples transcrição das palavras do Francês para o Português: “Todo o homem cria sem o saber, como respira/Mas o artista se sente criar/Seu ato engaja todo seu ser/Sua pena bem amada o fortifica.

\* ODEITE ERNEST DIAS é professora da Universidade de Brasília e grande flautista. DF LETRAS agradece ao professor PEDRO DUARTE, da Câmara Legislativa, a tradução do presente artigo.

Endereço para correspondência: SQS 311, Bloco “E”, Antº 506 70.364 – Brasília-DF

Moças e raparigas  
amor, beleza  
grande com  
poetar nos  
nos palcos,  
e quintanais  
Chegou o dia  
o bom e o pôr  
a paixão à luta  
a opinião cai  
no ar a emolar  
protestos contra  
Chegou o dia  
coração deles

salão tipicamente europeu francês, "A Quadriilha dos Lanceiros", do qual constituem a última figura coreográfica.

A propósito da quadrilha, é interessante notar uma adaptação da linguagem falada quase idêntica no Brasil e na Martinica. As figuras da dança são dirigidas por um "commandeur" (na Martinica) e "puxador" (no Brasil), que dão as ordens em francês fonético:

No Brasil:  
— enavão — "en avant"  
— enavão — "en avant"

Assistimos hoje a um retorno dessa música aos grandes centros, o que seria, de uma certa maneira, uma destropicalização. A migração se faz por necessidade de sobrevivência. Para os músicos, os grandes centros de gravação e de distribuição encontram-se agora em Paris, Nova York, Los Angeles, Tóquio — o que implica em modificações forçadas na técnica de gravação e mesmo de composição e de execução musical.

O modelo dominante conti-

ESTADO CAMP  
11 DE JUNHO

# Resenha — Letras

O fim do ano de 92 trouxe certo alento às letras planaltinas, depois de um transcurso anual insípido.

Temos a comemorar o retorno da revista Humanidades, da UnB, sob a editoria competente de Thelma Pereira de Souza.

Humanidades completa 10 anos, a UnB 30, e seu número 4, de dezembro, dedica-se à reflexão desses eventos.

A comemorar também a constância com que a revista "Excellência", sob o comando de Oliveira Bastos, atravessa incômodo a crise do tempo, chegando agora ao seu 17º número, sem pre dedicando-se a Brasília.

A Codeplan — Cia de Desenvolvimento do Planalto Central — que dispõe de um importante e histórico currículo editorial — também comparece em Dezembro com "CADERNO NOS-2", editado por Paulo Timm e organizado por Celeste Dominici, trazendo 17 artigos que avançam reflexões sobre o Distrito Federal.

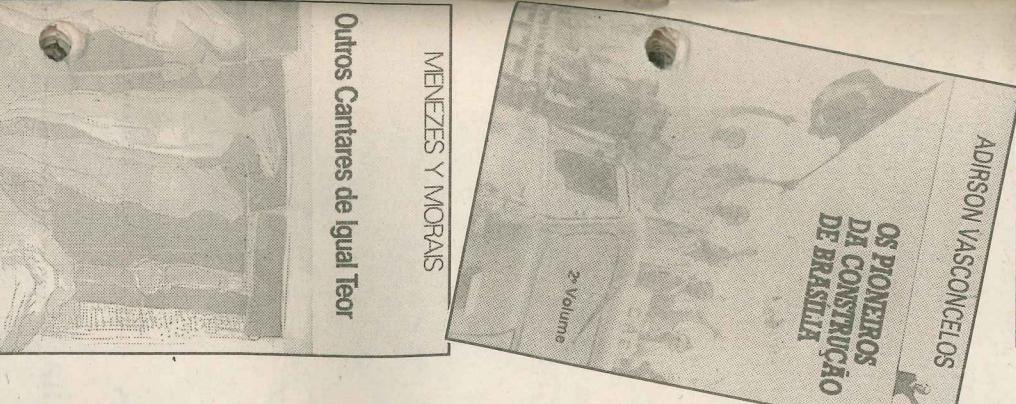
Outra instituição regional, o Instituto do Trópico Subúmido, da Universidade Católica de

Goiás — o Instituto dos Cerrados — tem publicado regularmente, comparecendo por último com a série Contribuições — Contributions To The Savanna Study.

Quando a livros, repetiu-se a escassez de lançamentos recentes. O poeta Menezes Y Moraes lançou "Outros Cantares de Igual Teor", comemorando, após cinco obras publicadas, os seus 17 anos de atividades literárias. (Edição do autor, 109 páginas)

O historiador Adirson Vasconcelos, publicando desde 1960, chega ao seu 23º livro com o gigantesco "Pioneiros da Construção de Brasília", dicionário biográfico com cerca de 20.000 nomes/ verbetes. (Edição do autor, 1034 páginas, em 2 volumes).

Enriquece-se também a MPB com Renato Vivacqua em seu segundo livro sobre o tema, num estudo crítico e bem-humorado. (Música Popular Brasileira — Cantos e Encantos — João Scortecci Editora, São Paulo, 115 págs.)



MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

2 Volume

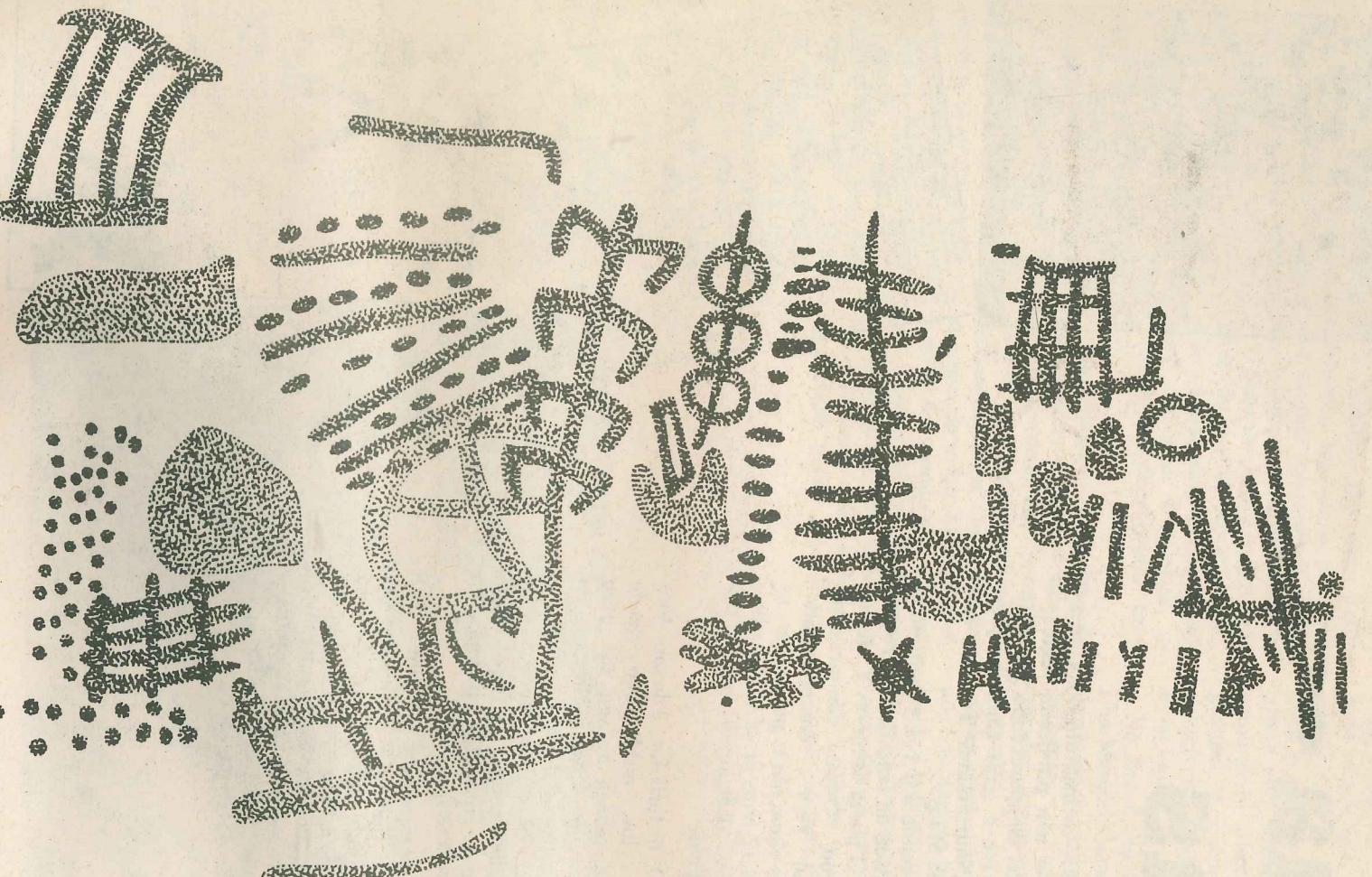
ADIRSON VASCONCELOS  
OS PIONEIROS  
DA CONSTRUÇÃO  
DE BRASÍLIA

2 Volume

MENEZES Y MORAIS  
Outros Cantares de Igual Teor

## Plenas paredes brancas

DF-LETRAS



plenas paredes brancas

íntegra limpida cal

concreto aparente

e o translúcido vidro

mãos somadas em concha

da fonte das pedras

dimana água matriz

e de Falerno o vinho

falerno de Opílio

ânforas de falerno

o melhor é memorável

é nardo puro nardo

vaso de alabastro

xaxim de outras eras

xaxim samambaias

sol sombra e alvoradas

e água: mãos em concha

no gesto o carisma

Clovis Sena

se você olhar direito no meu olho esquerdo verá que o sol conjugado coletivamente entre os trabalhadores dos campos das construções civis y militares é uma equação de paz a ser resolvida se você olhar esquerdo no meu olho direito descobrirá Brasília capital república oligarquias digo por entre sezes e medos por dentes lágrimas e risos por sonhos corpo e desejos se você olhar sobre os muros as cercas entre as grades escraciopressão se você tiver a dignidade

de resistir sob os signos da nova forma de escravidão você não é mais a mesma menina você não é mais o mesmo menino nós não somos mais os mesmos pessoas por isso beijamos as crianças do planeta e acreditamos que a música dos gritos dos torturados no interior das prisões já compõe a sinfonia da terralivre do medo se você matar a fome desse mundo-dor verá que as transformações da espécie envolverão eu tu nós vós eles num tempo-futuro numa ausência desse

Menezes y Mora

## Olho

se você olhar direito no meu olho esquerdo verá que o sol conjugado coletivamente entre os trabalhadores dos campos das construções civis y militares é uma equação de paz a ser resolvida se você olhar esquerdo no meu olho direito descobrirá Brasília capital república oligarquias digo por entre sezes e medos por dentes lágrimas e risos por sonhos corpo e desejos se você olhar sobre os muros as cercas entre as grades escraciopressão se você tiver a dignidade

de resistir sob os signos da nova forma de escravidão você não é mais a mesma menina você não é mais o mesmo menino nós não somos mais os mesmos pessoas por isso beijamos as crianças do planeta e acreditamos que a música dos gritos dos torturados no interior das prisões já compõe a sinfonia da terralivre do medo se você matar a fome desse mundo-dor verá que as transformações da espécie envolverão eu tu nós vós eles num tempo-futuro numa ausência desse

desespero numa só clemência desse formigueiro num ato simples desse nosso amor s'eu teu olhar co meu olho direito no teu olho esquerdo eu te dese seja como for empresto meu ouvido pros teus cant minha boca pros teus beijos adiciono teu frio ao meu calor num tempocorpo possível se você olhar o prov assim com esses olhos assim com gestos livres.

